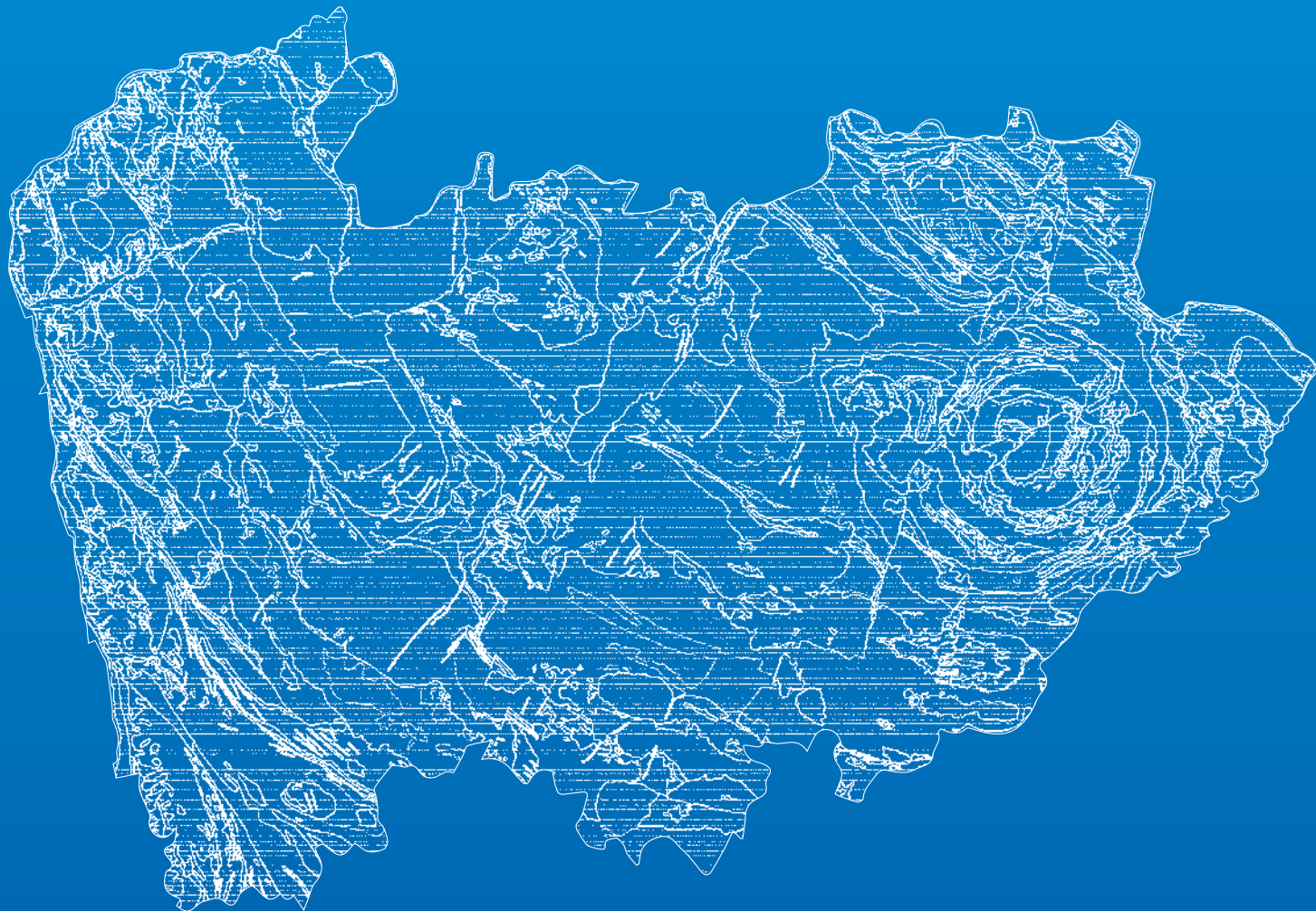


N.º 1

NORTE

JANEIRO - MARÇO 2023

ÍTACA



A ODISSEIA NACIONAL DO
TEATRO NACIONAL D. MARIA II

Disseia
nacional

ÍTACA

(1911)

Quando abalares, de ida para Ítaca,
Faz votos por que seja longa a viagem,
Cheia de aventuras, cheia de experiências.
E quanto aos Lestrigões, quanto aos Ciclopes,
O irado Poséidon, não os temas,
Disso não verás nunca no caminho,
Se o teu pensar guardares alto, e uma nobre
Emoção tocar tua mente e corpo.
E nem os Lestrigões, nem os Ciclopes,
Nem o fero Poséidon hás-de ver,
Se dentro d'alma não os transportares,
Se não tos puser a alma à tua frente.

Faz votos por que seja longa a viagem.
As manhãs de Verão que sejam muitas
Em que o prazer te invada e a alegria
Ao entrares em portos nunca vistos;
Hás-de parar nas lojas dos fenícios
Para mercar os mais belos artigos:
Ébano, corais, âmbar, madrepérolas,
E sensuais perfumes de todas as sortes,
E quanto houver de aromas deleitosos;
Vai a muitas cidades do Egipto
Aprender e aprender com os doutores.

Ítaca guarda sempre em tua mente.
Hás-de lá chegar, é o teu destino.
Mas a viagem, não a apresses nunca.
Melhor será que muitos anos dure
E que já velho aportes à tua ilha
Rico do que ganhaste no caminho
Não esperando de Ítaca riquezas.

Ítaca te deu essa bela viagem.
Sem ela não te punhas a caminho.
Não tem, porém, mais nada que te dar.

E se a fores achar pobre, não te enganou.
Tão sábio te tornaste, tão experiente,
Que percebes enfim que significam Ítacas.

Konstantinos Kaváfis

Em 2023, o Teatro Nacional D. Maria II embarca numa aventura do tamanho do país, chamada Odisseia Nacional, envolvendo mais de 90 concelhos numa programação variada, com centenas de propostas.

Em todas as regiões do território vão acontecer espetáculos, projetos de participação, atividades para o público escolar, eventos de pensamento e formação e, ainda, uma exposição.

A revista Ítaca pretende criar diálogos entre as diferentes propostas artísticas e agentes de criação, interpretação e participação.

Estas páginas querem mostrar outros olhares sobre a Odisseia Nacional, certamente “cheia de aventuras, cheia de experiências”.

A Ítaca, revista da Odisseia Nacional, vai percorrer as regiões do Norte, Centro, Açores, Madeira, Alentejo e Algarve.

02 EDITORIAL

04 ENTREVISTA

Marta Sales e Tony Weaver – os atores de *Zoo Story*

10 DIÁRIO DE BORDO

Peripécias de uma Mini-Odisseia

14 PRÓXIMA CENA

Os naufrágios portugueses a bordo da *Nau Nau Maria*

16 RETRATO

Bruno Martins – O Teatro da Didascália leva *Lear* à escola

20 JÚNIOR

Vamos desconstruir a ideia de uma história única?

22 PRIMEIRA PESSOA

À conversa com Ana Guiomar

28 NAVEGAÇÕES

Os lugares de Mafalda Fernandes

30 BASTIDORES

Casa Portuguesa – Como se constrói uma casa?

36 PASSAGENS

Os Guarda Rios e a arte de celebrar os territórios ribeirinhos

40 URGENTES EMERGENTES

Cosmic Burger – Ondas cósmicas ecoam por Braga

44 VER FAZENDO

Atos e Frutos – a Odisseia Nacional com as pessoas e as escolas

48 OUTRAS CASAS

Teatros que nos fazem viajar no tempo

54 FORA DE PALCO

Cinco lugares a não perder no Norte

62 AGENDA

TRAMA E URDIDURA

Almeida Garrett, fundador do Teatro Nacional D. Maria II e grande impulsor do teatro em Portugal, nasceu no Porto em 1799. Também a Odisseia Nacional, projeto de coesão territorial e de democracia cultural impulsionado pelo D. Maria II, nasce, simbolicamente, no Porto, em 2023.

É assim uma feliz coincidência que este programa inédito tenha o seu momento inaugural no Teatro-irmão do D. Maria II, o Teatro Nacional São João.

Mas o simbolismo da inauguração é apenas o prenúncio da epopeia que, neste trimestre, nos levará a cruzar toda a região Norte. A infraestrutura instalada no território, qual trama cultural, é suporte da urdidura do programa que desenhamos em conjunto com um grande número de parceiros. Este programa é, no entanto, tanto sobre o agora como sobre o devir, o que sedimentará no território e produzirá atividade, significado e relevância para as comunidades e para o próprio D. Maria II no futuro. Porque o legado deste projeto, que queremos substantivo e transformador, nos move tanto como as dezenas de atividades, espetáculos, oficinas, ações de formação e outros eventos que ocorrerão de Braga a Vinhais.

Damos-vos as boas-vindas à Odisseia Nacional do D. Maria II.

Rui Catarino
Sónia Teixeira
Sofia Campos

Conselho de Administração

PROCURO CAMINHOS NOVOS PARA ANDAR

0
3

Encontrar o Norte é o ponto de partida deste nosso destino chamado Odisseia Nacional. Não poderia ser mais auspicioso, o passo inaugural, numa região que abre as portas das suas casas, convoca as suas gentes e partilha os seus tesouros naturais e patrimoniais, com a programação do Teatro Nacional D. Maria II. O Norte de Portugal é um território que mantém vivas as suas idiossincrasias mas que, ao mesmo tempo, se projeta no futuro e se lança ao mundo e que, por isso, traz ao projeto Odisseia Nacional as necessárias doses de solidez e risco. Será um trimestre pleno de estreias de espetáculos novíssimos, em municípios como Torre de Moncorvo, Paredes de Coura, Fafe e Bragança, promovendo esta ideia magnífica de que a receção inaugural pode muito bem acontecer fora dos chamados grandes centros e que estes “novos olhares” enriquecerão as obras e trarão um dinamismo novo à circulação de espetáculos.

E como o impulso de toda esta odisséia é dado no Norte, é também aqui que se iniciam os programas Atos, Frutos, Nexos e Cenários, que trazem à nossa programação o carácter participativo, pedagógico, pesquisador e reflexivo que ela tanto precisa. É por estes caminhos, aliás, que os nossos passos se tornam verdadeiramente especulativos e que a viagem adquire um temperamento perscrutador, dando sentido a toda esta operação. Fazê-lo sob a égide da região Norte, sentindo o seu amparo generoso e o seu estímulo criativo e instigador, é começar efetivamente com o pé certo.

Pedro Penim
Diretor Artístico

"Procuo caminhos novos para andar"
Pronúncia do Norte, GNR

EDITORIAL



**“É MUITO
IMPORTANTE
QUE NÃO HAJA
UM MODELO
ÚNICO DE ATOR
OU ATRIZ”**

Zoo Story, peça criada a partir do texto de Edward Albee com encenação de Marco Paiva, junta em palco Marta Sales e Tony Weaver, atriz e ator surdos, num espetáculo que explora as relações humanas e questiona diferentes formas de comunicar, dentro e fora de palco.

A peça, que integra a Rede Eunice Ageas, foi o mote para uma conversa com tradução da intérprete Barbara Pollastri, onde Marta e Tony partilham de que forma é que este espetáculo, onde a palavra dita dá lugar à palavra gestuada, se entrelaça com as suas próprias experiências.

Zoo Story, a play based on Edward Albee's original story, directed by Marco Paiva, brings together on stage deaf actors Marta Sales and Tony Weaver, in a show that explores human relationships and questions different ways of communicating, on and off stage.

In a conversation translated by the interpreter Barbara Pollastri, the actors tell us how this play, in which spoken words give way to gestures, is intertwined with their own experiences.





O processo de casting para Zoo Story começou em fevereiro de 2022 numa oficina teatral dirigida a intérpretes surdos, Mãos a Dentro, no Teatro Nacional D. Maria II. Como foi esse processo, o que vos trouxe de novo?

Tony Weaver (TW): Foi muito importante, até porque foi a primeira vez que conseguimos ter acesso a uma formação especializada, dirigida a surdos. Aprendemos muito, individualmente e em grupo.

Marta Sales (MS): Uma das coisas mais importantes foi a quantidade de perspetivas e técnicas que nos ensinaram. Tivemos aulas em que fomos desafiados a expressar as nossas emoções, noutras falámos sobre questões de perspetiva e profundidade, noutras sobre o movimento dos corpos. Tivemos momentos de partilha, contámos histórias de vida. Houve um dia em que o Marco [Paiva] distribuiu várias imagens e eu lembro-me de ter escolhido uma fotografia de outra pessoa, olhei para essa fotografia e criei uma história, criei uma ficção a partir da fotografia e isso marcou-me. Aquela imagem transmitiu-me alguma coisa e eu criei uma história. Isto são só alguns exemplos das muitas coisas que fizemos.

TW: Sim, a famosa ficção. Lembras-te Marta, como era tão difícil percebermos o que era ficção, saber distinguir quando alguma coisa é verdade de outras coisas que podem ser só algo que queremos exprimir, mas que não têm de ser verdade?

MS: Sim, um dos nossos maiores ensinamentos. A formação foi muito enriquecedora, não há dúvida.

Zoo Story é uma história sobre duas personagens, Peter e Jerry, que apesar de falarem a mesma língua, vêm de meios tão diferentes que têm muita dificuldade em comunicar, em estabelecer uma relação. Existem várias barreiras. Quais foram os principais desafios ao trabalhar esta peça?

MS: O grande desafio para mim foi perceber o texto, tinha apenas uma ideia geral da história. Com as explicações do Marco [Paiva, encenador] e da Barbara [Pollastra, intérprete] fui conseguindo perceber aquilo que estava por baixo das palavras, perceber a profundidade, aquilo a que chamamos as metáforas das histórias. Também tivemos de enquadrar o texto na altura em que foi escrito [1959], em Nova Iorque, na América do passado, e isso tudo ajudou. Depois houve outro grande passo: e agora, quais são os gestos, de que forma é que eu consigo transpor o conteúdo de um texto escrito para a língua gestual? Porque muitas das coisas vêm de uma cultura muito pertencente aos ouvintes, a forma da escrita não permitia uma tradução total para a cultura surda.

TW: Para mim foi ainda mais difícil [a leitura]. Foi muito importante estarmos sempre juntos, eu, a Marta, a Barbara e o Marco. Quando o Marco explicava quem era o Peter, eu ia tentando perceber cada vez mais a minha personagem, quem era, o que queria. Depois também me confrontei com aquilo que a Marta disse, esta diversidade cultural do texto. Eu olhava para a Marta quando ela tentava gestuar algo e dizia – *acho que um surdo não perceberia, vamos tentar fazer de outra forma*. Foi um trabalho em conjunto, entre mim e a Marta, ela é muito boa no português escrito, eu muito bom na língua gestual, a Barbara interpretava e o Marco dava-nos mais informação e indicações, senti que conseguimos evoluir muito. Também foi muito positivo pelo público, que nos disse que conseguimos transpor tudo isto para a cultura surda. Concordas, Marta?

MS: Sim, foi também isso que senti.

O encenador, Marco Paiva, queria que a vossa experiência de vida pudesse refletir-se na peça e existem até momentos da vossa história que se cruzam com a ficção. De que forma é que as vossas experiências entraram em Zoo Story?

TW: Acho que entrou o sofrimento que sentimos ao longo da nossa vida, a nossa dificuldade de comunicar, como vemos nestas duas personagens.

MS: Sim, por exemplo, no fim [da peça], lembras-te quando estamos sempre a tentar procurar-nos um ao outro?

TW: Exatamente.

MS: Também sinto muito aquilo que o Tony disse, a base do texto é a dificuldade de comunicação e a nossa vida também passa muito por aí. Mas há outros pontos, o Tony, por exemplo, fala no pai e no filme que ele adora.

TW: Eu explico a história por trás do meu nome artístico e o meu pai faz parte dela. Eu dizia ao meu pai que queria ser ator e ele achava que não era possível, mas eu sempre tive esse fascínio. O meu nome artístico é Tony Weaver, o meu nome verdadeiro é António Mendes, e de onde é que isto veio? Eu vi o *Aliens* [1986] no cinema com cinco anos, foi o meu pai que me levou. Lembro-me que a minha avó, a minha madrinha e o meu primo também foram. Quando vi aquela atriz [Sigourney Weaver], ela era tão forte que me surpreendeu. Até ali via muito as mulheres como românticas, mas nesse dia vi uma mulher guerreira. Apaixonei-me pela atriz e quando pensei no meu nome, António, decidi que ia ser Tony e o apelido só podia ser Weaver! Eu explico isto na peça e falo no meu pai, porque foi ele que me levou ao cinema naquele dia. E depois de Tony, transformo-me em Peter.



© Filipe Ferreira

Quando é que começou o vosso interesse pelo teatro e quando é que conseguiram começar a explorá-lo?

TW: Comecei por volta de 2002, no Centro de Jovens Surdos, tinha 21 anos na altura. Percebi que o sonho de ser ator profissional ia ser difícil de perseguir, eu queria ter a mesma formação que tinham os ouvintes, mas não existia. Em 2015, na Associação Portuguesa de Surdos (APS), apercebi-me que havia muitas pessoas que também gostavam de teatro, e como eu já tinha alguma experiência, decidi organizar um workshop. Participou muita gente, foi aí que conheci a Marta.

MS: Sim, o primeiro workshop de teatro que fiz foi contigo!

TW: Mais tarde, participei na *Fada Juju [e a Festa dos Sentidos]*, mas ainda não era profissional. Foi muito importante nunca ter desistido e ter continuado a trabalhar com surdos, isso ajudou-me a manter o meu sonho vivo. Nos últimos anos, foi uma sorte enorme conhecer o Marco [Paiva] e o projeto Terra Amarela.

MS: No meu caso, nunca tive o sonho de trabalhar no teatro, mas aconteceu. Eu estive na APS a aprender Língua Gestual Portuguesa (LGP) durante 3 anos. Quando acabei, queria continuar a aprender para não perder a gestualidade. Procurei outras atividades na página da APS e vi que havia um workshop de teatro com o Tony Weaver e experimentei. Ia aprender mais, melhorava os gestos, conhecia outros surdos. Sou uma pessoa um bocadinho tímida e isto ajudou muito a abrir-me como pessoa. Foi aí que comecei, em 2015. Depois disso, participei em vários projetos de teatro, alguns filmes também, com o Tony.

TW: Sim, eu sou realizador de filmes surdos desde 2011, na FilmesSurdos.

“ESTA PEÇA É UM EXEMPLO DO QUE É TORNAR ALGO ACESSÍVEL PARA TODOS”

MS: Também participei noutras peças de teatro mais profissionais, em 2018, com a Vo’Arte. Depois disso, tenho dado grandes passos com a Terra Amarela. A minha experiência de teatro é muito mais pequena do que a do Tony.

TW: Mas agora estamos os dois no *Zoo Story!* [risos]

A peça esteve várias semanas no D. Maria II e agora está a passar por outras zonas do país. Como é que tem sido esta experiência?

TW: A possibilidade de poder levar a peça a outros teatros é muito boa, porque nós somos dois surdos! Dois atores surdos a atuar em língua gestual é um modelo para o futuro. Eu espero que haja muitos jovens surdos a assistir para poderem sonhar que é possível. Quando foi a atriz surda que ganhou o Oscar [Marlee Matlin, 1987] ela foi um modelo para mim. Quem sabe se nós podemos ser uma inspiração para outros.

MS: Concordo, levamos esta peça a outras zonas do país é muito importante.

TW: Estamos a falar também de uma questão de acessibilidade. Esta peça é um exemplo do que é tornar algo acessível para todos, espero que haja um sentimento de obrigação de assistir [ao *Zoo Story!*], não só para nos verem, mas principalmente para conhecerem o modelo do espetáculo. É uma nova abordagem também para os ouvintes.

MS: Pode ser que a peça ajude a que as coisas mudem também nas escolas.

TW: Nas escolas de teatro e de cinema, talvez comecem a pensar na admissão de alunos surdos, mas também na sociedade, noutros lugares. Os surdos não são “coitadinhos”. Os surdos, desde que tenham as suas ferramentas, podem aprender tudo e é preciso abrir-lhes portas, não só no teatro, mas noutras profissões. Nós estamos cá porque se abriram portas e tivemos muita vontade de fazer.

Que papel tem a Língua Gestual Portuguesa (LGP) na vossa vida, foi algo que aprenderam desde crianças ou mais tarde?

TW: Eu comecei a aprender com cinco anos. Cresci com a língua gestual e isso deu-me uma identidade surda muito forte. A minha família é diferente, eu sou o único surdo. A LGP permitiu expressar-me através dela dentro da comunidade surda, com ouvintes havia barreiras, porque a sociedade não estava pronta para isso. Antigamente, não havia intérpretes. Por exemplo, eu ia ao médico com a minha mãe e era ela que falava, eu não percebia nada do que se passava e estavam a falar da minha saúde. A minha mãe depois tentava explicar-me, mas eu não percebia bem. Ou também, por exemplo, como ator, quando tentei procurar formação, nunca consegui, porque a formação era só para ouvintes. Senti-me sempre um bocadinho zangado por causa disso, porque eu sabia que ia conseguir ser ator, adorava cinema, adorava teatro, mas havia muitas barreiras. Cheguei a frequentar formações para ouvintes, mas foi sempre muito difícil, tentava perceber e apanhar a informação através da expressão das pessoas.

MS: A minha experiência é completamente diferente da do Tony. Eu sou surda profunda, como ele, nasci assim, mas nunca aprendi língua gestual durante o meu crescimento. Eram tempos diferentes, na altura os meus pais achavam que a língua gestual não era assim tão importante. “O melhor para ti é oralizar, isso é que te vai ajudar mais”, diziam eles. Não estou a criticá-los, porque sei que achavam que isso era o melhor para mim. Cresci, andei na escola, mas era a única surda na minha turma. Sentia-me muito sozinha. Mesmo com a minha família, a nossa comunicação foi sempre muito à base de mímica, não havia uma comunicação completa, era sempre o que podíamos dizer uns aos outros, não o que queríamos. Comecei o primeiro ciclo com sete anos, tinha muitas dificuldades, mas comecei a aprender lentamente. Passei para o secundário, sempre sem intérpretes. Entrei na universidade, escolhi o curso de Engenharia Informática e de Computadores [no Instituto Superior Técnico] e concluí a licenciatura. Foram 5 anos de curso muito difíceis.

Na universidade também não havia intérpretes, pois não?

MS: Claro que não [risos]! Ainda por cima, os textos eram praticamente todos em inglês, foi um esforço enorme e precisei de muita ajuda. No primeiro ano houve uma pessoa que me ajudou muito, amigo na altura, mais tarde meu marido [risos]. Mesmo com ajuda, reprovei no primeiro ano e o meu marido passou. Tive de procurar nova ajuda, de uma amiga que mantenho até aos dias de hoje. Mais tarde, casei, tive dois filhos, ouvintes os dois. Trabalhei sempre na área da informática. Aos 39 anos, quase 40, tive uma espécie de crise de meia-idade, a tão famosa crise dos 40. Olhei para a minha vida e percebi que ainda não me tinha encontrado a mim própria. Apercebi-me que não conseguia relacionar-me por completo com as pessoas à minha volta e a ideia de poder comunicar melhor com os outros começou a ser muito forte, até que decidi: vou

aprender língua gestual. Estávamos em 2012, mais ou menos, quando comecei a aprender. O meu marido teve um grande papel nessa decisão, incentivou-me muito e eu fui.

E a partir daí sentiste uma grande diferença na tua vida?

MS: Sem dúvida, foi uma grande diferença. De repente eu tinha uma língua e já podia exprimir-me de acordo com a pessoa que eu era. A língua em si constrói a pessoa que somos, dá-nos uma estrutura, uma forma.

TW: Exatamente, é a tal identidade de que eu estava a falar. Se calhar faltava-te esta aprendizagem da língua gestual para conseguires encontrar uma forma de te expressar e de desenvolver a tua identidade.

MS: Sim, eu sentia que me faltava uma forma de poder expressar quem realmente sou. Durante o meu crescimento, lia e escrevia. Consegui estudar, ter o meu trabalho, consigo comunicar. Mas como pessoa faltava-me algo, a língua gestual deu-me uma forma como pessoa.

Acham que Zoo Story pode abrir portas, não só no teatro, mas também no mundo lá fora, nas escolas, como já disseram, e noutros locais?

MS: Sim, é muito importante mostrar outros surdos, incentivar outras pessoas diferentes, não só surdos, mas fazer com que a arte esteja aberta a todos os perfis, a todos os indivíduos e que, acima de tudo, não haja um modelo único de ator ou atriz. Que esta peça possa também influenciar e alimentar os sonhos das crianças e dos jovens, que percebam que é





possível sonhar.

TW: Também acredito que a peça possa incentivar uma maior diversidade nas artes e que possa abrir a participação a mais pessoas, para que todos possam sentir-se representados. É muito importante haver exemplos que possam servir de inspiração, especialmente às crianças.

E gostaria de finalizar com um apelo: se tiverem um filho surdo, aprendam língua gestual, façam esse esforço. A oralização pode ser importante, mas as duas aprendizagens conseguem ser feitas ao mesmo tempo. Tentem um equilíbrio, não obriguem só a oralizar. Os pais têm de aprender LGP, isso é uma forma de comunicar, de passar conhecimento e tradição, de haver partilha. A ligação só existe quando as duas partes querem ligar-se, não é só uma parte que deve fazer um esforço para procurar esta ligação.

A Rede Eunice Ageas é uma iniciativa do Teatro Nacional D. Maria II e do Grupo Ageas Portugal.

AGENDA A NORTE

Espetáculo

ZOO STORY

27 JAN · Teatro Diogo Bernardes (Ponte de Lima)

3 FEV · Teatro Ribeiro Conceição (Lamego)

Num espaço indefinido dá-se um encontro. Afirma-se a necessidade de comunicação e entendimento, dispensando a retórica. *Zoo Story* é uma proposta de reconhecimento da diversidade como um espaço facilitador de encontros, enquanto questiona o teatro que se encerra no dogma, na convenção estética e formal. Um encontro raro entre públicos que têm diferentes necessidades e expectativas e que reconhecerão na prática teatral o seu espaço de representatividade, afirmação e sentimento de pertença.

Laboratório teatral

CONVIDAR, CONHECER E CONSTRUIR

26–27 JAN · Ponte de Lima

2–3 FEV · Lamego

A partir da peça *Zoo Story* e da sua proposta de encenação, Marco Paiva coordena este laboratório de teatro, composto por ações de sensibilização junto dos mais novos e conversas com o público depois de cada sessão do espetáculo.

PERIPÉCIAS DE UMA MINI-ODISSEIA

Todas as grandes viagens implicam preparativos. No caso da Odisseia Nacional, o ano de 2022 levou a direção artística do Teatro Nacional D. Maria II, mais concretamente Pedro Penim e Luís Sousa Ferreira, num périplo pelo país em busca de casas e rostos que pudessem acolher a programação durante as obras desta sala de espetáculos. E que expedição esta! Entre nevões e telemóveis submersos, três e quatro reuniões num só dia em diferentes municípios, houve tempo para conhecer pessoas que são verdadeiros motores de territórios, e para deixar o coração perdido em tantos lugares.

All great journeys require preparation. In the case of Odisseia Nacional, the year 2022 led the Teatro Nacional D. Maria II's artistic direction, namely Pedro Penim and Luís Sousa Ferreira, on a nationwide voyage in search of houses and faces that might welcome the programmes while the theatre undergoes construction work. And quite an expedition that was! Amidst blizzards and drowning mobile phones, three and four meetings in a single day in different municipalities, there was time to meet people who are the real drivers of territories, and to leave one's heart lost in so many places.

A Odisseia Nacional começa a Norte, mas percorrerá durante um ano mais de 90 concelhos portugueses. É a partir do teatro que se inicia esta viagem que envolve as populações, agentes culturais e escolas do país, mostrando a sua diversidade e provando que o Rossio, afinal, também pode ficar ali mesmo ao pé. “Quando assumi funções, em novembro de 2021, foi-me comunicado que o teatro iria fechar para obras durante, pelo menos, um ano e que seria necessário pensar numa programação alternativa ao edifício do Rossio. A vontade de viajar por todo o país já era assunto de corredor há algum tempo no teatro, mas com a minha chegada tornou-se imperioso começar a desenhar um modelo que permitisse concretizar esta aventura inédita e histórica”, diz Pedro Penim, diretor artístico. Para Luís Sousa Ferreira, adjunto da direção artística, a Odisseia Nacional foi a razão que o motivou a entrar neste barco: “Eu já fui chamado para a equipa com este propósito irrecusável”. Para preparar este ano intenso foi necessário fazer uma espécie de Mini-Odisseia, que levou a direção artística a conhecer um verdadeiro mar de (muito boa) gente.



Arranque do périplo em Monção, Cine Teatro João Verde

COM QUANTAS PESSOAS SE FAZ UMA ODISSEIA?

“Se pensarmos que estaremos em mais de 90 municípios e que nas diversas fases do processo contactámos com, pelo menos, cinco ou seis pessoas de cada município, estamos já a contabilizar cerca de 500 pessoas. Se juntarmos outras parcerias institucionais, artistas e agentes da cultura, estamos certamente a caminho das 1000”, contabiliza Pedro Penim. E que surpresas saíram destes novos encontros? Alguém que jamais esquecerão? Para Pedro, “a Rosinda Pimenta, vice-presidente e vereadora da Câmara Municipal de Mértola, que tem uma clareza rara e inspiradora no pensamento estratégico para a cultura em territórios de baixa densidade populacional”. Já Luís tem mais dificuldade em destacar apenas uma pessoa: “Confesso que me emocionei várias vezes, principalmente nos concelhos mais pequenos, onde percebíamos que o motor de muitos dos projetos eram pessoas sem qualquer rede. Pessoas com um invulgar sentimento de pertença e de missão pública que trabalhavam para que as suas terras tivessem, mesmo que pequena, uma programação cultural regular”.



Reunião no Centro Cultural Raiano, Idanha-a-Nova

E QUE AVENTURAS HÁ PARA CONTAR?

A programação da Odisseia passa por espaços culturais de norte a sul do país e ilhas, num “esforço de *repérage* fundamental para garantir que esta vontade de viajar nunca fosse apenas teórica”, refere Pedro. E passar à prática começou logo ali, com a direção a fazer-se à estrada: “Assim que pensámos - queremos ir, começámos logo a fazer as malas”. De dezembro de 2021 até agora ainda não pararam, com um período mais intenso de visitas e mapeamentos entre janeiro e maio de 2022. “Dividimos o país por sub-regiões e marcámos um ritmo de três a quatro municípios por dia, em intervalos de seis a dez dias”, recorda Luís. Houve, no entanto, tempo para deixar o coração em “Torre de Moncorvo, Covilhã, Ribeira Grande, Ponta do Sol, Barrancos e Tavira. Um por região, para poder ficar perto de todos os outros”, diz Pedro. Mas nem sempre foi fácil lá chegar, lembra Luís: “demorámos horas para fazer a ligação entre Seia e a Covilhã porque fomos apanhados pelos nevões característicos da Serra da Estrela”, e houve até deuses das águas paradas a engolirem dispositivos eletrónicos. “Chegámos a Fafe num dia bem invernososo para a nossa primeira reunião do dia. Ao chegar ao edifício da Câmara Municipal, saco do meu telemóvel para confirmar o nome da vereadora da cultura e, sem perceber como, lanço o telefone, que percorre um belo arco no céu, para dentro de uma fonte. De imediato, lanço-me também atrás dele e, em segundos, consegui recuperar esta preciosa ferramenta. E assim fomos, com o Pedro [Penim] a morrer de rir e a Cláudia [Belchior, ex-presidente do Conselho de Administração do Teatro Nacional D. Maria II] incrédula, para a reunião. Durante a reunião, ao desconforto de estar meio ensopado, juntei a minha consternação ao perceber que o telemóvel estava a perder funcionalidades e que já não poderia contar com ele”.

PORTUGAL É UM PAÍS PEQUENO?

*Somos absolutos principiantes / Com os olhos completamente abertos / Mas igualmente nervosos

1
3

“O país é pequeno, antigo e feito de uma única nação. A unidade é um engano ou não seja a serra do Gerês um dos pontos de maior pluviosidade da Europa e a margem esquerda do Guadiana o mais árido.” Luís Sousa Ferreira socorre-se das palavras do geógrafo Álvaro Domingues para responder se Portugal é ou não é um país pequeno. “O tamanho é sempre uma questão de perspectiva. Portugal é um dos 15 países mais populosos da Europa, tem uma localização geográfica estratégica e não trata convenientemente do seu território, porque é que deveria querer mais?” Mas acrescenta, “apesar da curta área territorial, sem falar do território marítimo, há uma tamanha diversidade paisagística em Portugal que lhe confere um desenho bastante colorido e rico. As escalas são mesmo muito relativas e isso podemos perguntar aos Países Baixos, à Dinamarca ou à Suíça. Quão mais pequeno for o território de um país, menos desigual e mais humanizado deveria ser. Aí sim, ainda temos muito para crescer”. Pode a Odisseia Nacional contribuir para esse crescimento? Para Pedro Penim, é “uma viagem sem regresso, no sentido de que a expectativa é que o teatro possa ser realmente um catalisador de pensamento e ação transformativa para a vida das diversas populações de todo o território português”. Luís Sousa Ferreira vê a Odisseia Nacional “como um princípio. O que me entusiasma mais é o facto de o denominador comum ser a cultura e ser esta a base de um projeto de coesão territorial. Por outro lado, pensar o país é urgente e este projeto é uma oportunidade tremenda. Escolas, formação, espetáculos, participação, pensamento, isto para mim é poesia”. Para Pedro Penim, é música. Escolhe um verso de David Bowie para mostrar como a antecâmara desta grande viagem foi já uma imensa aprendizagem: *We're absolute beginners / With eyes completely open / But nervous all the same.* *



Passagem pelo Centro Cultural de Campo Maior



Placa de inauguração do Teatro Cine de Gouveia

OS NAUFRÁGIOS PORTUGUESES A BORDO DA «NAU NAU MARIA»

Depois dos espetáculos *Pranto de Maria Parda* e *Os Lusíadas Como Nunca os Ouvia*, o Próxima Cena embarca na *Nau Nau Maria*, de Alice Azevedo, numa viagem pela “mais magna desventura portuguesa”.

After the shows *Pranto de Maria Parda* and *Os Lusíadas Como Nunca os Ouvia*, Próxima Cena embarks on Alice Azevedo's *Nau Nau Maria*, on a journey through «the most magna misadventure in Portugal».



1
4

AGENDA A NORTE

Espetáculo

NAU NAU MARIA

3-4 MAR · Cine-Teatro Torre de Moncorvo

17-18 MAR · Centro de Inovação Tecnológica INOVARURAL
(Carrazeda de Ansiães)

24-25 MAR · Centro Cultural de Mirandela

Foi numa esfera armadilhada, toda inquinada, sem castelo à vista, sob o cetim do azul sem andorinhas, que partiram. Descobriram pouca coisa e não aprenderam nada. Não tanto de grandeza, nem tampouco de valor, se compôs esta viagem – foi sobretudo sangue, suor e lágrimas. E tão pouco desse sal veio sequer de Portugal. Reza a lenda que ainda hoje esses naufragos insistem que é ali, perdida em alto mar, que reside a sua história.

O ponto de partida para este espetáculo é a *História Trágico-Marítima*, editada no século XVIII por Bernardo Gomes de Brito. “O livro prendeu-me a atenção, desde logo porque adoro histórias do mar e de viagens marítimas, como adoro desastres, e esta compilação de naufrágios pareceu-me que tinha imenso potencial para ser explorada”, conta-nos a autora. “A metáfora do naufrágio é absolutamente extraordinária para pensar este momento da história de Portugal, conhecido como “descobrimientos”, que considero que foi um desastre, por todas as vidas perdidas e não só.” Para Alice Azevedo é importante desconstruirmos a narrativa que tem sido contada: “Foi um momento de bonança económica, mas que foi construída às costas de um sistema de escravatura e das classes baixas portuguesas. A bonança económica foi para o rei, para os aristocratas e para uma classe de mercadores; hoje em dia, seria para os burgueses, mas nunca para os marujos, para o povo e obviamente nunca para as pessoas escravizadas”.

Um dos principais objetivos de *Nau Nau Maria* é “contribuir para este debate tão contemporâneo sobre o que é isto dos “descobrimientos”: como é que se descobrem coisas que já tinham sido descobertas antes, como é que se ocupam países onde já existiam pessoas. Historicamente é pela força das armas, é pela invasão, é pela tortura, é pela escravatura. É assim que se constroem impérios. Foi assim que Portugal construiu o seu império colonial, mas não é este o relato que nós temos. Nós temos o relato de um bom colonizador que levou a “luz da cultura” a outros povos”, comenta a criadora.

“Já tendo sido amplamente narrados aquilo que se consideram os grandes feitos da nação, a *História Trágico-Marítima* dá-nos aqui o mote para narrarmos as desventuras, uma anti-epopeia humorística sobre Portugal, sobre nós”, remata Alice Azevedo.

O processo de dramaturgia está a ser partilhado com Cristina Carvalho e Leonor Buescu e a interpretação fica a cargo de Cire Ndiaye e João Nunes Monteiro.

O Próxima Cena é uma iniciativa do Teatro Nacional D. Maria II, do BPI e da Fundação “la Caixa”. Um projeto que assenta na universalização do acesso à cultura e no desenvolvimento e valorização de públicos, em territórios de baixa densidade populacional.

BRUNO MARTINS

O TEATRO DA DIDASCÁLIA LEVA «LEAR» À ESCOLA

Ator, artista e diretor-artista. No Teatro da Didascália, a transdisciplinaridade toma sempre o lugar da certeza de se ser apenas uma coisa. Bruno Martins, 34 anos, prefere falar em criações do que em peças de teatro, espetáculos de circo ou performances. Até porque na estrutura artística sediada em Joane, Vila Nova de Famalicão, cria-se para espaços convencionais e não convencionais, pensa-se para públicos de diferentes idades e contextos, montam-se festivais de circo contemporâneo que não apresentam só circo, acolhem-se artistas em residência que ocupam o terreno da Quinta da Bemposta sem pedir licença. Tudo o que Bruno estava longe de imaginar em 2008, quando fundou o Teatro da Didascália com a única certeza de que precisava de uma forma jurídica para apoiar a sua primeira criação. Em 2023, atira-se a um colosso chamado *Rei Lear*, obra seminal de Shakespeare, onde dirige António Capelo – ator, encenador e professor da escola que o formou, a ACE Escola de Artes.

An actor, artist and director-artist. At Teatro da Didascália, transdisciplinarity always takes the place of the certainty of being one only thing. Bruno Martins, 34, prefers to talk about creations rather than plays, circus shows or performances. Because in the artistic structure based in Joane, Vila Nova de Famalicão, they create for both conventional and non-conventional spaces, they envisage audiences of different ages and backgrounds, they organise contemporary circus festivals that are more than just circus, they welcome artists in residence who occupy the Quinta da Bemposta grounds without asking for permission. Bruno was far from imagining any of that in 2008, when he founded Teatro da Didascália with the sole conviction that he needed to support his first creation with a legal form. In 2023, he embarks on a colossus called *King Lear*, Shakespeare's seminal work, in which he directs António Capelo — an actor, director and teacher at the school that trained him, the ACE Escola de Artes.



Estamos no gnration, em Braga, poucos minutos depois de Bruno Martins apresentar *Soundcheck*, a última criação do Teatro da Didascália que, através de uma boa dose de *rock&roll*, leva o público numa viagem pela música, os conflitos e as ciclicas encruzilhadas do século XX. Depois de saltar, gritar, cantar e de instigar a plateia a pintar o cabelo com spray colorido, a tranquilidade e o sorriso instalam-se com o *play* na gravação.

É em 2008 que Bruno funda o Teatro da Didascália. Acabado de chegar de Paris, onde estudou na École Internationale de Théâtre Jacques Lecoq, traz consigo a ideia de criar um espetáculo com Michael Sharman e James Simpson, dois amigos ingleses que arrasta consigo para Portugal por mais de seis meses. Enquanto se instalam, também a crise se acomoda. A economia, a estupefação dos britânicos face à desvalorização da libra, a falência do banco Lehman Brothers, passam da ordem do dia para a ordem de trabalhos e nasce a *Roda da Fortuna*, a primeira (e, naquele momento) única criação da Didascália, então concebida como figura jurídica para responder às necessidades desta primeira obra. Após o espetáculo, segue cada um para seu lado, com Bruno a rumar ao Algarve para trabalhar com o AL-MaSRAH Teatro.

Regressa ao Norte em 2013, mais concretamente ao seu local de nascimento, a vila de Joane em Vila Nova de Famalicão. Mas havia partido há tanto tempo que já ninguém o conhecia, era um estrangeiro na sua própria terra. Decide então entrar, literalmente, pela casa dos vizinhos para se apresentar num mini-festival de contadores de histórias. A premissa era simples: o Teatro da Didascália convidava contadores de diversos lugares, os habitantes de Joane abriam as suas salas para ouvir as histórias e convidavam também o público. Afinal, estavam em casa. O festival foi um sucesso e teve várias edições. Bruno e o Teatro da Didascália estavam apresentados e as portas abertas para tudo o que dali viesse.

“NUM PROJETO A LONGO PRAZO FORA DOS GRANDES CENTROS URBANOS, É INEVITÁVEL QUE TENTES ENRIQUECER O CONTEXTO, TRAZER AO PÚBLICO NOVAS FORMAS DE CRIAÇÃO, AO MESMO TEMPO EM QUE TE ALIMENTAS ARTISTICAMENTE DESTES ENCONTROS.”

Talvez o maior desafio para uma estrutura artística sediada fora de Lisboa e Porto seja mesmo este. De algum modo, o nascimento, em 2014, do *Festival Internacional Vaudeville Rendez-Vous*, procurou responder a esta inquietação. Trata-se de um festival pensado para o espaço público de Famalicão, mas que, após algumas edições, viu as cidades de Braga, Guimarães e, mais tarde, Barcelos formarem o ringue onde circo e outras formas transdisciplinares para espaço público se cruzam. Este é o momento de programação do Teatro da Didascália com maior visibilidade e cumpre os dois propósitos enumerados por Bruno: dar ao público a possibilidade de encontro com novas formas de criação, e alimentar a companhia com interferências positivas de estruturas artísticas de outras cidades e países.

Também o fAUNA, o seu espaço de criação e de residência artística, responde a esta ideia de contaminação quer de públicos quer de artistas. Na Quinta da Bemposta, antiga quinta de casamentos e batizados que é agora sede do Teatro da Didascália, a vacaria transformou-se num lugar de criação e de programação irregular. Com um entorno de floresta e até um rio que passa, o programa de residências do fAUNA é também uma forma de sustentabilidade do projeto. “Os nossos períodos de criação não ocupavam o ano inteiro e parecia quase um desperdício ver aquele espaço vazio.”

Atualmente, há até demasiados pedidos para o calendário anual, num equilíbrio entre *Criadores de Espécie Autóctone* (de Famalicão) e *Criadores de Espécie Exótica* (de outros territórios nacionais e internacionais). Pensando sempre no público local, o Teatro da Didascália endereça também convites a artistas e estruturas para pensarem em espetáculos *site-specific*.

Voltamos ao presente e a *Soundcheck*, com alguém da equipa a gritar a Bruno: – *Ainda aí estás?! Olha, falamos em Loulé!* Depois de Braga, o espetáculo segue para Sul, motivo para uma pergunta sobre as digressões da Didascália. “Curiosamente, os nossos espetáculos percorrem todo o território nacional à exceção de Lisboa. Só lá fomos uma vez. E as ilhas... Nunca fomos às ilhas.” Lisboa leva-nos ao Teatro Nacional D. Maria II e à Odisseia Nacional, onde o Teatro da Didascália apresenta *Lear*, uma encenação de Bruno Martins com António Capelo no papel de rei da Bretanha. Para o Teatro da Didascália, esta é também uma oportunidade para entrar pela primeira vez em casas de espetáculo da sua região, como o Teatro Cinema de Fafe e o Cine Teatro João Verde, em Monção. O espetáculo passará também pela Póvoa de Varzim, no Cine-Teatro Garrett.

Mas porquê outro *Lear*? A ideia surge de Bruno e leva-o a uma conversa informal no início de 2020 com António Capelo, ator, encenador, professor e diretor artístico da ACE Escola de Artes, no Porto. Dois anos mais tarde, António liga-lhe: – *Se calhar, está na altura de falarmos a sério sobre isto.* Andava a pensar em convidar ex-alunos para dirigirem projetos da escola de repertório da dramaturgia universal, que normalmente eram delegados a encenadores mais experientes e não a jovens criadores ali formados. “É interessante porque o próprio rei Lear é isso que faz quando decide distribuir o poder pelas três filhas. Tanto maior será o dote quanto mais amor demonstrarem por ele. E é aqui que começa o jogo do



Espetáculo *Soundcheck*, Teatro da Didascália
© Paulo Pimenta

teatro, porque elas fazem toda uma encenação para ele, explicando que o amam como nunca amarão ninguém. A mais nova, Cordélia, que é deserdada pelo pai, diz-lhe que não o ama mais do que aquilo que tem de amar enquanto pai. E é ela no final que o salva.”

Para além de António Capelo, a peça conta com mais pessoas ligadas à ACE, resultado de um casting dirigido a alunos e ex-alunos da escola. No espetáculo estará muito desta relação aluno-professor ou mestre-discípulo, o confronto estético entre gerações que foram formadas num denominador comum e que seguiram depois rumos diferentes. “Há uma tensão inevitável em dirigir alguém que te formou. Mas é de uma generosidade muito grande da parte do António [Capelo] sentir que era o momento de o fazer.” Chegou a hora da renovação e de dar palco à descendência.

AGENDA A NORTE

Espetáculo

LEAR

17 FEV · Teatro-Cinema de Fafe

2 MAR · Cine-Teatro Garrett (Póvoa de Varzim)

10 MAR · Cine Teatro João Verde (Monção)

Em *Rei Lear*, de William Shakespeare, há um fim à vista e o rei tenta livrar-se do peso da gestão do reino, enquanto procura abrigo junto das filhas, as herdeiras. Por um lado, a urgência na continuidade de um legado – o reino. Por outro, a necessidade de cuidados e proteção – a velhice.

Nesta montagem da peça, lado a lado e cúmplices, estão António Capelo e Bruno Martins. O primeiro, ator, fundador e diretor da escola de teatro e companhia do Porto, e aqui Rei Lear. O segundo, ex-aluno, se quisermos... antigo aprendiz, ator e diretor-artista da companhia de Famalicão, e aqui encenador da peça. Pode uma aula de teatro transformar-se numa tragédia?

Espetáculo

O CLUBE DOS POETAS VIVOS VAI A BANHOS NA PÓVOA DE VARZIM

1 MAR · Cine-Teatro Garrett (Póvoa de Varzim)

Convidado: Edgar Pêra

Uma vez por mês, o Clube dos Poetas Vivos reúne-se para conversar e ouvir poesia. Ao longo dos anos, estes encontros, com coordenação de Teresa Coutinho, têm acontecido alternadamente entre o D. Maria II e a Casa Fernando Pessoa. Em 2023, as sessões na Casa Fernando Pessoa mantêm-se, mas a Odisseia Nacional põe este clube em viagem pelo país, levando vozes da poesia contemporânea a um público mais alargado, a outras localidades onde, de outra forma, o Clube só chegaria em formato gravado.

Pensando num espetro mais alargado do que é a poesia e onde esta pode ser encontrada, este ano o Clube recebe não só poetas, mas também cineastas cujo cinema tem um forte pendor poético, à semelhança do que aconteceu nas últimas sessões de 2022, com músicos letristas.

Após cada sessão, os registos continuarão a ficar disponíveis em formato podcast para escuta no SoundCloud, Spotify, YouTube e Apple Podcasts.



© Susana Chicó



© Paulo Pimenta

VAMOS DESCONSTRUIR A IDEIA DE UMA HISTÓRIA ÚNICA?



© Eddie Oleque Fernandez

2
0

A Estrutura, companhia portuguesa de Cátia Pinheiro e José Nunes, junta-se a Dori Nigro, performer e arte educador, em *descobri-qué?*, um espetáculo infantojuvenil que pretende contribuir para o processo de descolonização através da desconstrução da narrativa sobre o chamado período dos “descobrimentos”. Fazer perguntas, refletir e problematizar os perigos de uma história única são alguns dos propósitos.

Estrutura, the company from Porto led by Cátia Pinheiro and José Nunes, joins Dori Nigro, a performer and art educator, in *descobri-qué?* (discover-what?), a show for children and young people that aims to contribute to the process of decolonization by deconstructing the narrative about the so-called period of the discoveries. Asking questions, reflecting and challenging the perils of a single history are some of the goals.

“A ideia de fazer um espetáculo que abordasse os chamados “descobrimientos”, sobretudo a forma como eles são ensinados nas escolas, era uma ideia que já pairava nas nossas cabeças há alguns anos.” As cabeças são as de José Nunes e de Cátia Pinheiro, fundadores da companhia Estrutura, que queriam explorar o tema da descolonização, mas sabiam que “não fazia sentido fazê-lo sozinhos”, explica José Nunes. “Achávamos que a nossa visão era demasiado simplista, começando logo pelo facto de sermos dois criadores brancos e portugueses – e é relevante usar estas terminologias, brancos portugueses – porque é muito importante o sítio de onde vimos e onde aprendemos uma série de conceitos estruturais.” Faziam falta mais vozes, mais perspetivas para abordar este tema. “Era importante começarmos uma espécie de namoro artístico, digamos assim [risos], começar a falar com criadores cujo trabalho admiramos e onde podia haver uma convergência.” É aqui que entra Dori Nigro, performer e arte educador, o parceiro que fez com que a criação do espetáculo se concretizasse, depois de algum tempo de conhecimento mútuo. “Esta criação não podia começar de repente, tinha de ser primeiro um momento de proximidade, de nos conhecermos, percebermos as ideias uns dos outros e só depois desse tempo é que decidimos avançar”, conta José Nunes.

Para Dori Nigro é importante haver “pluralidade” na construção do espetáculo, de pessoas que receberam informação em diferentes contextos. “Este é um tema no qual, de certa forma, estamos todos implicados, é uma implicação transatlântica que eu, enquanto homem negro brasileiro, também conheço de uma outra perspetiva.” O arte educador reforça a importância “do cuidado do processo e do tempo de maturação”: “a gente está trabalhando com um tema que requer muito respeito (...) e esse processo de namoro [risos], sendo contínuo e continuado, traduz um processo de trabalho fincado numa reflexão crítica e persistente”.

DESCONSTRUIR E TRANSFORMAR

A forma como o período histórico designado como “descobrimientos” é ensinado nas escolas é o grande ponto de partida do espetáculo *descobri-quê?*, que está pensado para um público infantojuvenil, dos 10 aos 15 anos. “Estas idades recebem muita informação, têm uma grande força, são verdadeiros agentes de transformação que vão contaminar o seu entorno”, acredita Dori.

O espetáculo quer desconstruir o que existe nos manuais de história e trazer elementos e movimentos históricos que estão registados, mas que normalmente não aparecem nos livros escolares. Exemplo disso, partilha Dori, é a “autobiografia de [Mahommah Gardo] Baquaqua, um homem que foi escravizado, raptado de Angola, levado para Pernambuco, onde eu nasci, no Brasil, que depois consegue escapar da escravidão, vai para os Estados Unidos e escreve a autobiografia dele, e isso é muito importante”. Tão importante que leva Dori a questionar como é que em Portugal não há uma edição desse livro ou como é que a história de Baquaqua não é abordada nos manuais escolares. Os criadores reforçam que o espetáculo quer, acima de tudo, “fazer perguntas, refletir e problematizar os perigos da história única, invocando Chimamanda [Ngozi Adichie], e contribuir para o processo de descolonização, constante e inacabado”.

descobri-quê? conta com a consultoria de Cristina Roldão, Melissa Rodrigues e Nuno Coelho e interpretação de Joyce Souza, Tiago Jácome e Waldju Kondo.

A par do espetáculo vão ser dinamizados vários tipos de laboratórios para escolas e público em geral, que pretendem explorar as questões levantadas pela peça.

AGENDA A NORTE

Espetáculo

DESCOBRI-QUÊ?

17-18 MAR · Centro Cultural de Paredes de Coura
31 MAR-1 ABR · Centro Cultural de Vinhais

descobri-quê? é um espetáculo que pretende contribuir para a descolonização – enquanto gesto inacabado, portanto constante e continuado – do ensino do período histórico designado como descobrimientos, quebrando uma série de narrativas oficiais que romantizam esta época e procurando uma confrontação com o passado invasor, expansionista e colonialista português.

Laboratório teatral

DESCOBRI-QUÊ?

15, 16 e 18 MAR · Paredes de Coura
30 MAR-1 ABR · Vinhais

Descobrir o quê? Descobrir quem? Quem descobriu quem? Quem descobre o quê? Como é possível descobrir e nomear uma coisa que já existia antes e tinha uma identidade própria?

Estas serão algumas das perguntas a explorar com os participantes nas atividades de formação paralelas ao espetáculo *descobri-quê?*.



ANA GUIOMAR

“É ISTO QUE EU
QUERO FAZER
E IMAGINO-ME
A FAZÊ-LO PARA
SEMPRE”

2
3

Ana Guiomar, atriz que integra o elenco do espetáculo *O Misanthropo* – por Hugo van der Ding e Martim Sousa Tavares a partir Molière, encenado por Mónica Garnel, partilha a relevância do teatro na sua afirmação como atriz e revela-nos curiosidades como a comida que poderia comer para sempre ou como gostaria de ser lembrada. Numa entrevista descontraída, a atriz fala-nos sobre o início do processo deste novo espetáculo, a preparação de personagens e a importância da digressão da peça pelo país.

Ana Guiomar, an actress who is part of the cast of the show *O Misanthropo* (The Misanthrope), written by Hugo van der Ding and Martim Sousa Tavares and directed by Mónica Garnel, shares the relevance of theatre in her self-affirmation as an actress and reveals curiosities, such as the food she could eat forever or the way she would like to be remembered. In a light-hearted interview, the actress tells us about the beginning of the process of this new show, the preparation of characters and the importance of the play's tour throughout the country.

Que feliz acaso te levou a fazeres parte d'O Misanthropo?

O feliz acaso foi eu ter trabalhado com o Pedro Penim no *Perfeitos Desconhecidos*, com a Força de Produção, um espetáculo que correu muito bem, tivemos uma afluência do público espetacular. Era uma peça um bocadinho diferente desta, sendo as duas igualmente divertidas, cada uma à sua maneira. Estou muito contente por poder trabalhar com a Mónica [Garnel], conheço-a muito bem dos tempos da mala voadora, uma companhia que adoro. Foi mesmo um acaso muito feliz e espero que haja mais acasos destes [risos].

Que tipo de personagem é a tua?

Eu não conhecia o texto d'O *Misanthropo*, nunca o tinha lido. Como não fiz nenhuma escola de teatro, o meu percurso não o exigiu, mas quando li o livro gostei mesmo muito. Acho que se adequa muito aos dias de hoje, nós vivemos de uma forma muito individualista, estamos cada vez mais isolados e mais vaidosos também, e mesmo que isso não se aplique especificamente a cada um de nós, acho que, inconscientemente, temos cá essas camadas todas. Por isso é que trabalhamos estes textos clássicos de autores tão fantásticos como Molière até aos dias de hoje. O texto do Hugo van der Ding e do Martim Sousa Tavares é muito diferente. Os elementos estão lá todos, quem conhece o texto original consegue perceber perfeitamente a história d'O *Misanthropo*, está lá tudo, mas as relações, o espaço, o tom em que vamos interpretar ou o tipo de personagens, vamos agora descobrir com a Mónica [Garnel, encenadora]. Portanto, ainda não consigo dizer que tipo de personagem é a minha, mas posso dizer que estou muito entusiasmada com o acompanhamento deste processo de pôr um espetáculo de pé.

Como é que te preparas para interpretar uma nova personagem?

A preparação depende mais do processo do que do tipo de personagem. Há textos que exigem que os leia todas as semanas com outros olhos, outros que os decore rapidamente. Há textos que pedem mais movimento adaptado à deixa que tiver na altura, ou seja, também decoro muito o texto com base nas marcações e nos movimentos. Neste caso, acho que vou ter de fazer uma coisa que gosto muito, que é mergulhar num universo que não conheço. Como é uma peça de época, vou estar mais atenta a tudo o que remeta para a corte de Luís XIV, um rei mais vaidoso e espampanante, por exemplo. Acho que esse tipo de coisas me ajuda bastante a trabalhar a personagem e a dar-lhe vida.

Ir em digressão com um espetáculo, percorrer os teatros do país, é uma coisa que gostas de fazer?

Estive muitos anos no Teatro Aberto e saíamos muito pouco em digressão, infelizmente. E agora com o *Perfeitos Desconhecidos* fizemos uma digressão muito grande e acho que é tão bom para o público como é para nós. É muito enriquecedor perceber a afluência do público e a reação das pessoas, que eu acho que aqui vai ser ótima, porque estamos todos com uma fome muito grande de espetáculos e muita vontade de participar em coisas que nos enriqueçam em conjunto. Tenho sentido muito isso nos espetáculos a que vou, se já esgotavam, agora têm esgotado muito mais rapidamente. Acho que a Rede Eunice Ageas, que o próprio Nacional [Teatro Nacional D. Maria II] tem, e agora esta Odisseia Nacional, são super importantes, até porque às vezes temos essa ideia de que as pessoas não gostam de teatro menos comercial e não é verdade, as pessoas só não têm acesso. O facto de irmos a muitas zonas do país, às ilhas, estou a lembrar-me do Faial, da Terceira... Eu nunca, nem com espetáculos comerciais, lá fui. E acho que isto é espetacular, um teatro que tem apoios públicos para mim só faz sentido assim, chegando ao maior número de pessoas possível.



Quando é que soubeste que querias ser atriz, soubeste desde cedo ou foste descobrindo?

Comecei nos *Morangos com Açúcar* sem formação e depois seguiu-se outro projeto, outro e outro. Na altura pensei, bem, isto vai ser uma coisa para ganhar uns trocos, mas na verdade fui gostando cada vez mais de atuar. Até há pouco tempo tinha muito pudor de dizer que era atriz e que queria fazer isto para o resto da vida. Eu faço muita televisão, é muito divertida, muito rápida e adoro o processo, mas acho que o teatro me deu uma formalidade e uma capacidade de conseguir perceber melhor que é isto que eu quero. Agora já consigo dizer, é isto que eu quero fazer e imagino-me a fazê-lo para sempre. Só não sei bem explicar quando é que se deu este clique [risos].

O que é que gostas mais no teu trabalho?

Em televisão, gosto muito da rapidez com que temos de responder em termos de personagem. No teatro, gosto muito de trabalhar o texto. Aprendo muito, gosto de todo o processo. E acho que tanto um trabalho como o outro se ajudam entre si e se completam. Então, gosto das duas coisas, não consigo escolher.

Se não fosses atriz, que profissão gostarias de ter?

Não sei, não faço ideia, acho que não ia ser assim nenhuma engenheira, nem nenhuma médica, nem nada disso, até porque era muito calona para estudar [risos]. Só acho que ia ser muito profissional e muito competente no que quer que fosse.

Que obra de arte marcou a tua vida, um espetáculo, um livro...?

Quando era miúda, vi um espetáculo no Teatro Maria Matos que me fascinou e não me esqueço dele até hoje, acho que foi das primeiras vezes que vi teatro para adultos e pensei, isto mexe mesmo com as nossas emoções e com a nossa cabeça. Foi o [The] *Pillowman*, que era interpretado pelo Marco D'Almeida, pelo Gonçalo Waddington, pelo Albano [Jerónimo], assim por vários tubarões [risos] e lembro-me que esse espetáculo ficou na minha memória, lembro-me do cenário, de muitos momentos, marcou-me muito.

Entretanto, já vi muita coisa no Festival de Almada que adorei, gosto muito das tragédias do [Romeo] Castellucci... Já vi coisas muito boas.

Quanto a livros, escolho dois dos textos que já trabalhei e que adorei: a *Purga* [de Sofi Oksanen], que fala sobre a guerra e teve muito impacto em mim, e *O Pai* [de Florian Zeller], que também gostei muito de fazer. São completamente diferentes, mas acho que ambos dão cabo da cabeça do espectador e são meio desconfortáveis e estranhos.



O Pai, encenação de João Lourenço © Daniel Viana Martins

E agora falando de outra faceta tua, criaste a página de Instagram Mãe, já não tenho sopa e um site com o mesmo nome onde partilhas as receitas que vais fazendo. De onde é que surgiu essa ideia?

Surgiu numa altura em que as redes sociais estavam a ganhar mais força e tínhamos todos vontade de fazer projetos associados. Como eu adoro cozinhar, acabámos por juntar as duas coisas e fazer uma página. Agora, como tenho menos tempo, já não gosto tanto de cozinhar como gostava na altura [risos]. Mas acho que foi um casamento feliz e estou muito contente com o que temos feito. O site não é tão atualizado nem está tão incrível como eu queria, mas não chegamos para tudo e temos a página de Instagram, que é muito boa.

De onde é que vem esse teu gosto pela culinária? Aprendeste com alguém próximo ou foi mais uma curiosidade tua?

Acho que vem da minha família, a minha avó cozinhava bem, a minha madraستا cozinha muito bem, e eu sempre estive muito na cozinha, a fazer os trabalhos de casa quando chegava da escola, a conversar, a lanchar. São hábitos que se adquirem que depois ficam connosco.

Nota: Entrevista realizada numa fase de desenvolvimento inicial do espetáculo O Misanthropo.

ANA GUIOMAR: PENSA RÁPIDO!

Se só pudesses comer uma coisa para o resto da tua vida, o que é que escolhias?

Cozido à portuguesa, um prato que eu amo.

O que gostas mais de fazer no teu tempo livre?

Gosto muito de comer, de estar com amigos, de assistir a espetáculos em que os outros trabalhem para eu ver [risos].

Quais são as tuas maiores irritações?

Detesto atrasos e detesto não me sentir livre.

Qual foi a viagem mais marcante que já fizeste?

Japão. Não há uma semana que não me lembre dessa viagem.

Qual o sítio que gostavas muito de visitar e ainda não tiveste oportunidade?

Austrália. Gostava muito de fazer a Grande Barreira de Coral, ver a Ópera de Sydney ao vivo.

Fazes alguma coleção ou existem objetos que gostes muito de ter?

Gosto muito de guardar os textos das peças que faço.

Se pudesses ter um superpoder qual seria?

Ou o teletransporte ou a invisibilidade.

Se houvesse um feriado em tua homenagem, o que é que teríamos de fazer nesse dia?

Se fosse no verão, toda a gente tinha de ir à praia dar um mergulho. Se fosse no inverno, tinha de ser um dia de comer bem.

Como é que gostarias de ser lembrada?

Gostava de ser lembrada, sobretudo, como alguém que teve bons valores.



Perfeitos Desconhecidos, encenação de Pedro Penim © Joana Linda

AGENDA A NORTE

Espectáculo

O MISANTROPO

POR HUGO VAN DER DING E MARTIM SOUSA TAVARES
A PARTIR MOLIÈRE

11 MAR · Teatro Municipal de Bragança

25 MAR · Cineateatro António Lamoso (Santa Maria da Feira)

É noite de estreia. *O Misanthropo*, de Molière, vai ser representado pela primeira vez em Portugal perante o Rei e toda a corte e o espetáculo está longe de estar pronto. Há um grupo de atores, juntos por misteriosas e diversas razões, com os nervos à flor da pele, dispostos a muito – ou a tudo – mesmo antes de se ouvirem as pancadas de Molière.

Há um homem que tem aversão aos seres humanos, que não gosta da convivência social, que é melancólico, insociável, misantrópico, mocho, bufo. (*in* dicionário *Priberam*)

Há, acima de tudo, o desejo fervoroso de frequentar a corte e agradar o Rei.

A pergunta crucial é:

“Que feliz acaso vos trouxe a este lugar?”

Lançamento do livro

O MISANTROPO

POR HUGO VAN DER DING E MARTIM SOUSA TAVARES
A PARTIR MOLIÈRE

Edição TNDM II / Bicho-do-Mato (coleção Textos de Teatro)

11 MAR · Bragança



OS MEUS LUGARES

POR MAFALDA FERNANDES

Mafalda Fernandes é ativista anti-racista, autora da página de instagram de combate ao racismo, *Quotidiano de Uma Negra*. É fundadora da *African Tour Porto*, um negócio de Ecoturismo que organiza passeios na cidade do Porto, com o objetivo de dar a conhecer as relações de Portugal com as ex-colónias, explorando conceitos como o colonialismo e a escravatura. Tem 25 anos e é natural do Porto. Tendo como inspiração o espetáculo *Viagem por mim Terra*, de Venâncio Calisto, convidámos Mafalda Fernandes a fazer uma seleção dos seus lugares, das suas *viagens na minha terra*.

Mafalda Fernandes is an anti-racist activist, and author of the anti-racism Instagram page, *Quotidiano de Uma Negra* (The Daily Life of a Black Woman). She is the founder of *African Tour Porto*, an ecotourism business that organises tours in the city of Porto with the aim of raising awareness about Portugal's ties with its former colonies, exploring concepts such as colonialism and slavery. She is 25 years old and originally from Porto. Inspired by the play *Viagem por mim Terra* (Journey through my Land), by Venâncio Calisto, we invited Mafalda Fernandes to choose her favourite places in her homeland.



Porte D. Luís | © Mafalda Fernandes

A ponte D. Luís é o meu espaço seguro no mundo. É a representação da entrada ou da saída da cidade do Porto. Nos momentos mais felizes da minha vida, gosto de os celebrar comigo mesma, atravessando esta ponte. O mesmo acontece com os momentos mais tristes. Esta ponte representa para mim o local onde tenho espaço para todos os meus pensamentos, pois é daqui que consigo visualizar a cidade do Porto em grande plano. Um dia, tive a necessidade de ir viver numa outra cidade em Portugal e, desde esse momento, a ponte D. Luís tornou-se um símbolo tanto de partida como de chegada a casa. Vislumbrar a cidade é importante, não apenas pela sua beleza, mas pela inerente conclusão de que aqui foi onde conheci os meus pais adotivos pela primeira vez, aqui foi onde tive o meu coração partido pela primeira vez. Foi no Porto que me tornei a Mafalda que sou hoje, foi no Porto que estudei, foi no Porto que encontrei os melhores e os piores amigos do mundo. O Porto é o local que representa a minha vivência enquanto ser humano.

A Afurada é aquele local em Gaia, que é desvalorizado, mas que tem uma verdadeira essência. É o local da felicidade, o local onde se leva apenas aquelas pessoas que nos são muito queridas e importantes. O local que tem o aconchego que necessito devido à proximidade com a cidade do Porto e que, ao mesmo tempo, se torna relaxante devido às poucas pessoas que ali passam. Uma visão do infinito, pelo rio que vai quase mar adentro. A Afurada é o sonho que está por conquistar, visualizo as minhas origens Africanas, no infinito do rio, e vou descobrindo quem sou, no início do Mar.

AGENDA A NORTE



Espetáculo

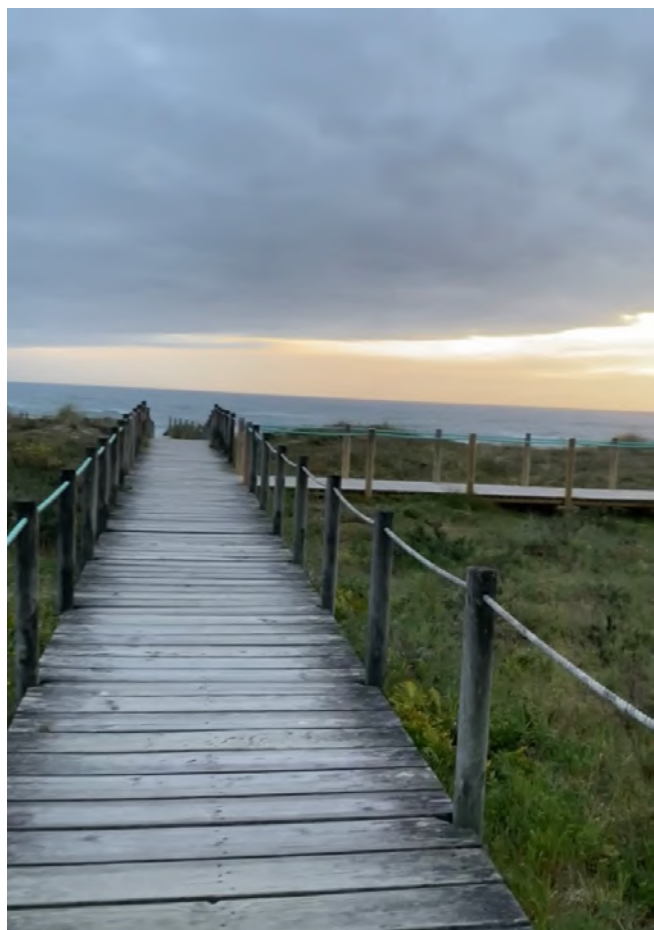
VIAGEM POR MIM TERRA

18 MAR · Centro Cultural de Paredes de Coura
1 ABR · Centro Cultural Vila Flor (Guimarães)

O que buscamos quando partimos? De que é feito o caminho? Viajar para dentro, como se faz? E a descoberta de nós mesmos no outro destino, será a paisagem que, obstinados, procuramos? Todas as viagens partem de um ponto de interrogação, do questionamento das fronteiras que nos dividem e impossibilitam o encontro, a confrontação e a descoberta.

É este o mote da peça *Viagem por mim Terra*, de Venâncio Calisto, que procura por narrativas e personagens reais e imaginárias, que compõem a experiência de um criador moçambicano em viagem no território português.

A releitura de *Viagens na minha Terra* de Almeida Garrett e de outras obras clássicas e contemporâneas, portuguesas e moçambicanas, que têm a viagem como seu pano de fundo, bem como o diálogo entre as tradições populares do teatro de ambos países, são fonte de inspiração para esta dramaturgia.



Praia da Amorosa © Mafalda Fernandes

A Praia da Amorosa em Viana do Castelo. Não sou fã de praia, mas este local aquece o meu coração de nostalgia. É o verdadeiro local que representa a casa da família. Foi aqui que passei muitas horas com os meus pais, foi aqui que o meu pai me ensinou a andar de bicicleta com todo o carinho do mundo. A Amorosa é o sítio onde irei voltar sempre que quiser lembrar-me dos meus pais quando já cá não estiverem. Foi o local das birras e brincadeiras, dos banhos de água quente nos invernos gelados. A Amorosa é a representação do amor que sinto pela minha família, pois cada material utilizado para construir o abrigo que ali temos, foi escolhido com muito amor e carinho, pensando em cada elemento que compõe a nossa família extremamente única. Dois brancos e uma negra – transbordamos amor uns pelos outros.

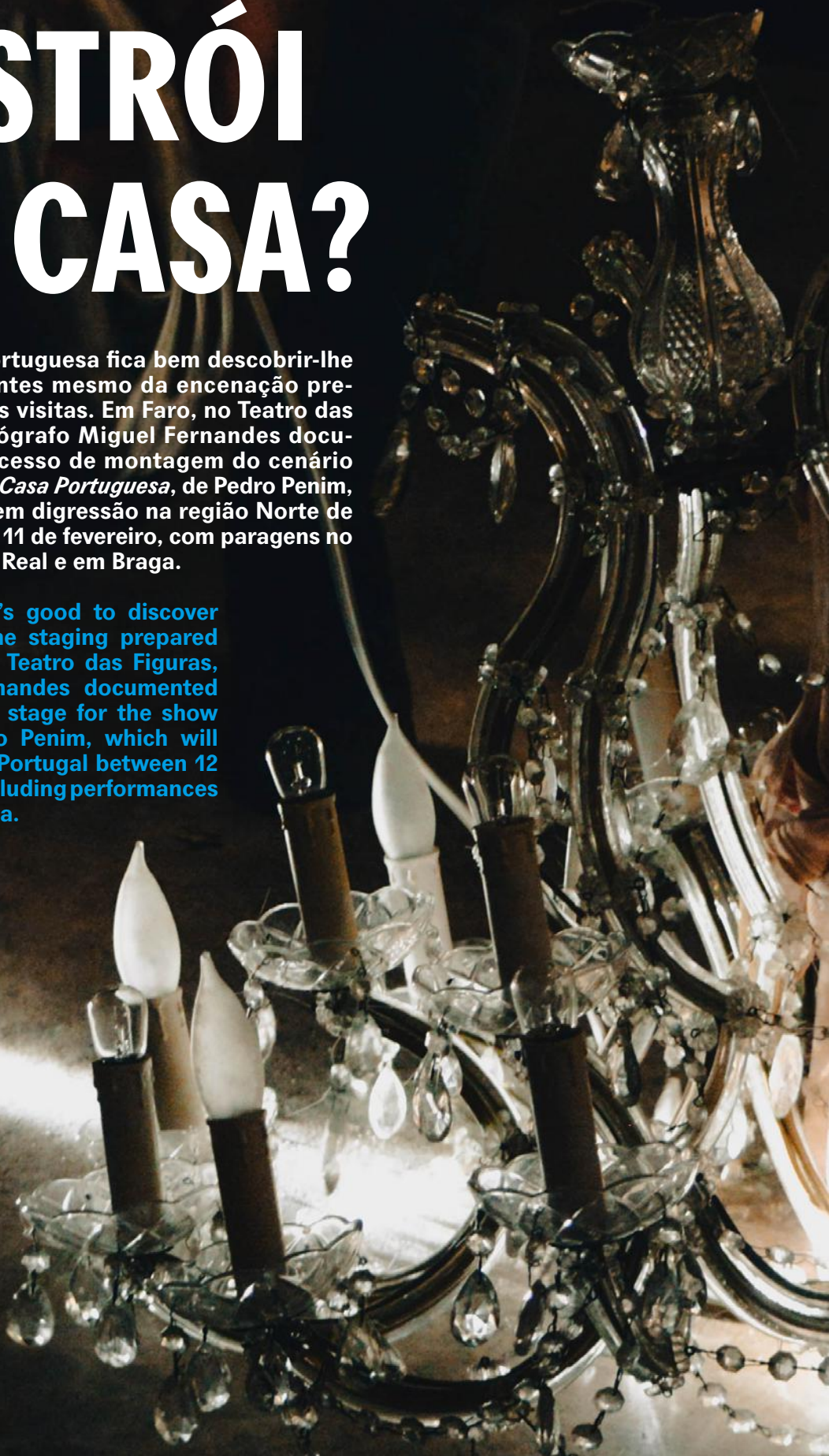


Aturada © Mafalda Fernandes

COMO SE CONSTRÓI UMA CASA?

Numa casa portuguesa fica bem descobrir-lhe os avessos, antes mesmo da encenação preparada para as visitas. Em Faro, no Teatro das Figuras, o fotógrafo Miguel Fernandes documentou o processo de montagem do cenário do espetáculo *Casa Portuguesa*, de Pedro Penim, que vai estar em digressão na região Norte de 12 de janeiro a 11 de fevereiro, com paragens no Porto, em Vila Real e em Braga.

In a Portuguese house, it's good to discover its insides, even before the staging prepared for the guests. In Faro, at Teatro das Figuras, photographer Miguel Fernandes documented the process of setting the stage for the show *Casa Portuguesa*, by Pedro Penim, which will be on tour in the North of Portugal between 12 January and 11 February, including performances in Porto, Vila Real and Braga.





AGENDA A NORTE

Espetáculo

CASA PORTUGUESA

12-21 JAN · Teatro Nacional São João (Porto)

4 FEV · Teatro Municipal de Vila Real

11 FEV · Theatro Circo (Braga)

Casa Portuguesa conta a história (ficcional) de um ex-soldado da Guerra Colonial que, dialogando com os seus fantasmas, se vê confrontado com a decadência e a transformação do ideal de casa, de família, de país e do cânone da figura paterna. Um retrato do que foi, do que é e do que poderá ser (ou não ser) a célula familiar patriarcal por excelência, a casa, tendo como pano de fundo os acontecimentos recentes da nossa democracia e revisitando a mais dolorosa das feridas abertas da nossa história.

3
1



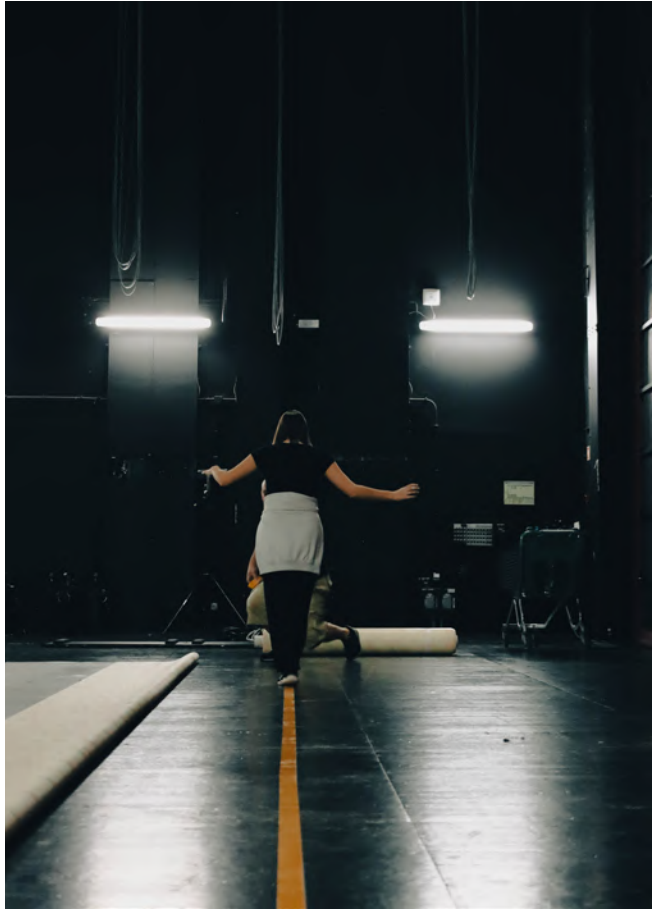
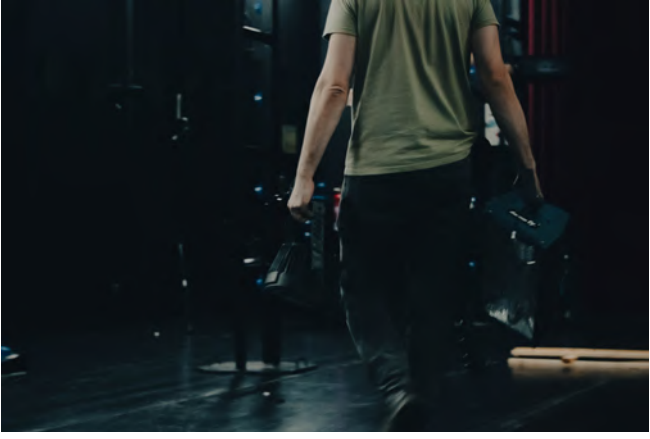
BASTIDORES

Estou eu, está ele, está aquela planta, está esta mosca, está este molho de cabelos sabe-se lá de quem, estão todas as histórias de todas as pessoas que por aqui passaram, todas as conversas que já se tiveram entre estas paredes. "A casa não é só arquitetura. A casa é sobretudo moral."









353

BASTIDORES

OS GUARDA RIOS E A ARTE DE CELEBRAR OS TERRITÓRIOS RIBEIRINHOS

Depois de um período de exploração com projetos e exposições, em outubro de 2019 nasceu o Guarda Rios, um coletivo de investigação e criação artística em torno dos territórios ribeirinhos, do Minho ao Guadiana. Francisco Pinheiro e Nuno Barroso, artistas visuais e fundadores do coletivo, falam-nos da importância da construção de pensamento e de ação juntamente com as populações.

In October 2019, following a period of exploration with projects and exhibitions, the collective Guarda Rios was born, involving artistic research and creation around riverside territories, from the region of Minho to the Guadiana. Francisco Pinheiro and Nuno Barroso, visual artists and founders of the collective, discuss the importance of building thought and action together with the communities.



Quando falamos em guarda-rios podemos estar a referir-nos à ave aquática (*alcedo atthis*), umas das mais coloridas da avifauna portuguesa, comum nas zonas litorais, que tem penas num tom azul-esverdeado nas asas e laranja-avermelhado no peito. Guarda-rios é também o nome de uma profissão que existe em Portugal desde o século XVIII, que consiste em vigiar, fiscalizar e monitorizar os recursos naturais nos meios hídricos, implicando uma grande proximidade e conhecimento dos rios. O ofício foi extinto em 1995, mas está de regresso ao ativo desde 2019, sobretudo no norte do país.

Aqui, quando dizemos Guarda Rios, estamos a referir-nos ao coletivo que tem feito dos territórios ribeirinhos objeto de investigação e de criação artística. E porquê os rios e os seus ecossistemas?

PENSAR OS RIOS

A ideia surgiu graças ao fascínio de Francisco Pinheiro por aves, que o levou a desenvolver um projeto que levanta questões sobre o impacto das atividades humanas na vida dos pássaros. “Podemos olhar para as mudanças que estão a acontecer com as aves como um indicador das alterações que estão a ter lugar na natureza”, explica Francisco. Daqui, o caminho até chegar à temática dos rios foi “bastante óbvio”. O estado dos rios também é “um indicador da forma como estamos a tratar a floresta, a vegetação, os solos, a água”, explica. “A forma como gerimos os rios, como os pensamos e nos relacionamos com eles é, em boa parte, invisível”, o que motivou o coletivo a criar “uma cultura da água e uma aproximação aos rios”. Para além disso, os territórios ribeirinhos são “muitos ricos”, permitem “explorar uma multiplicidade de temas” e “juntar diferentes áreas de conhecimento”, acrescenta Nuno Barroso. “Quando falamos de um rio, tanto podemos abordá-lo sob uma perspetiva arqueológica, falando de assentamentos de povoados nómadas, como podemos passar para o domínio da microbiologia e falar do que se passa no domínio do invisível.” Nuno dá um exemplo curioso do cruzamento entre áreas, descoberto numa visita ao Museu de Mértola: o esturjão, peixe que já foi abundante nos três grandes rios de Portugal – Douro, Tejo e Guadiana – era tão preponderante em Mértola, vila ribeirinha do rio Guadiana, que existem moedas cunhadas com a sua imagem, do século I a.C., o que “demonstra a importância deste animal no nosso passado”.

“Está tudo relacionado, os rios são o tópico central, mas depois vamos a muitos outros temas”, acrescenta Nuno.

VÁRIOS OLHARES, DIVERSAS PERSPETIVAS

O interesse pelas artes e pela ecologia é transversal ao coletivo, que junta elementos de diferentes áreas do saber, desde a antropologia, história da ciência, arqueologia, microbiologia, à música, artes visuais ou performance. Existem membros mais ligados ao universo académico, outros a associações ou Organizações Não Governamentais.

Esta capacidade de convocar “diferentes olhares” é considerada uma mais-valia para explorar um tema tão vasto como o dos territórios ribeirinhos. “É a pluralidade de conhecimentos que nos permite trabalhar sob uma perspetiva mais holística em torno daquilo que se passa no território e nos sítios onde vivemos”, salienta Nuno.



Construir uma cabana, Centro de Interpretação da Lagoa de Óbidos © Guarda Rios

AGENDA A NORTE



Espectáculo

HOPELESS.

31 MAR · Centro Cultural Vila Flor (Guimarães)

Hopeless., do coreógrafo romeno Sergiu Matis, desafia-nos com uma premissa: poderá a falta de esperança ser uma força poderosa que nos leva a agir? Num mundo cada vez mais quente, o que resta da natureza idílica e fértil descrita nos poemas de Teócrito e Virgílio? Vamos olhar para a história e refletir no caminho que temos vindo a seguir desde os primeiros poemas pastorais da antiguidade greco-romana. Vamos encarar as preocupações, falhas e perdas da nossa sociedade. *Hopeless.* é um ato desesperado de tentar reunir ou preservar, dramaticamente, aquilo que resta, enquanto se choram as perdas ainda por vir.

A propósito deste espetáculo e da reflexão por ele sugerida, falámos com os Guarda Rios, um coletivo que se junta à Odisseia Nacional e que tem promovido uma aproximação à natureza através de um dos seus elementos mais importantes: os rios.

APRENDIZAGEM COLETIVA

Os Guarda Rios querem fomentar um pensamento de ecologia. Não gostam da ideia de “consciencialização” através de uma exposição fechada de ideias, preferem o caminho da provocação do pensamento e dos sentidos. E como é que isso tem sido feito? Passando tempo no terreno, com as comunidades locais. “Criámos uma série de residências artísticas pelo país, de Norte a Sul, do interior às zonas costeiras. O processo passa por fazermos pesquisa, escutarmos as pessoas, juntarmos diferentes temáticas e problemáticas ligadas aos rios e, enquanto vamos aprendendo com as populações locais, vamos oferecendo o nosso olhar e a nossa sensibilidade e criando uma relação, que passa não só por irmos buscar informação, mas também por propormos atividades e reflexões, demonstrando o que é que nos move, porque é que nos interessam os rios e estas temáticas”, expõe Francisco. “Estimulamos uma espécie de escola: a escola é um espaço social, de aprendizagem e de experimentação. Aqui temos a oportunidade de partilhar conhecimentos e de aprender com as pessoas e com o território”, conclui.

DO PENSAMENTO À AÇÃO

É neste cruzamento de conhecimentos que as ideias se traduzem e adquirem diferentes formatos, como caminhadas, performances, exposições, instalações. Os Guarda Rios convocam aspetos e abordagens vindos da arte contemporânea: “Por exemplo, nas nossas caminhadas fazemos pequenas provocações, jogos, lançamos enunciados que levam as pessoas a fazerem uma ação. Colocamos os participantes em situações inusitadas, apelamos para a dimensão do olhar ou da escuta”. Acreditam que desta forma estimulam uma perceção sensorial do conhecimento. “Não dizemos as coisas de forma fechada. Se dissermos que o nível do mar está a subir e fizermos umas marcações nas árvores, as pessoas vão pensar que aquela ilha e aquelas habitações vão ficar inundadas. Há uma perceção física e visual daquela afirmação, há pensamento crítico em construção.”

O PRAZER DE SE ESTAR À BEIRA DO RIO

Conviver e passar tempo de qualidade junto aos rios são atividades muito valorizadas pelo coletivo. “Essa é uma dimensão essencial que os rios têm, são sítios de lazer, de bem-estar, sempre foram muito associados a uma ideia idílica de prazer”, reforça Nuno. No convívio com as populações, os temas abordados, que muitas vezes são problemáticos e complexos, são explorados de forma mais natural. “O que recebemos é incrível; partimos de uma base de questões que colocamos e apresentamos e as pessoas partilham os seus conhecimentos e saberes, o que torna tudo muito enriquecedor”, comenta Francisco.

No website dos Guarda Rios [www.guardarios.org] é possível saber mais sobre os diferentes eventos e objetos desenvolvidos pelo coletivo, a partir de programas de residências e exposições. Estão disponíveis registos de texto, imagem e áudio, com excertos de conversas, sons da natureza ou até improvisações.

O coletivo já passou por Mértola, Vila Nova de Foz Côa, Caldas da Rainha, Fornos de Algodres, Aldeia da Luz, Miranda do Douro ou Vila Velha de Ródão. Dinamizou eventos e exposições no Museu da Paisagem, na Appleton Box em Lisboa, no Instituto no Porto, entre outros. Agora, vai levar o Observatório dos Rios ao Rio Cáster, em Santa Maria da Feira, nos dias 18 e 19 de Março.



AGENDA A NORTE

Atos - Participação

OBSERVATÓRIO DOS RIOS

A partir de propostas de jogo, de escuta e observação, abrir-se-á o espaço para uma visão holística do território onde o ver, olhar, observar, imaginar, questionar, celebrar são cruciais para uma aproximação à cultura da água e dos rios.

18-19 MAR · Santa Maria da Feira

COSMIC BURGER

ONDAS CÓSMICAS
ECOAM POR BRAGA



4
0

Como tudo o que emana do universo, a Cosmic Burger não se define de forma singular. É uma organização sem fins lucrativos e uma agência criativa ao mesmo tempo. Dá apoio a artistas na criação de melhores condições e oportunidades de trabalho, e abre horizontes aos criadores emergentes que procuram ferramentas para se profissionalizarem. Aterrou em Braga em 2015 com uma constelação de talentos que se expande por áreas tão diversas como a música, a arte urbana e a performance. Na Odisseia Nacional, aproveitamos também a viagem para nos determos no ecossistema criativo do país, conhecendo e dando a conhecer projetos emergentes de cada região.

É Francisco Quintas que nos fala da Cosmic Burger. Um dos rostos da organização, ao lado de Tiago Sampaio, Raquel Luz, Nuno Gonçalves, Pedro Pereira e de Susana Brandão, curiosamente, prefere ficar nos bastidores e deixar artistas e iniciativas brilharem por si. “Começámos como *label/booker/* agência de *management*, mas rapidamente percebemos que o foco deveria ser a gestão de carreiras dos nossos artistas, tentando criar para estes o maior número de oportunidades, procurando financiamento para as suas carreiras para que consigam viver da música ou, se não for possível, que pelo menos consigam executar os seus projetos e as suas ideias.” É a partir da sustentabilidade profissional dos seus criadores que a Cosmic, como é carinhosamente tratada, reconheceu a fragilidade do setor cultural e artístico e criou projetos de cariz social, que têm como beneficiários a comunidade artística em particular, e a sociedade em geral. Nesta vertente de organização sem fins lucrativos, a associação desenvolveu projetos como a open call *PULSAR*, o projeto *Orbit* e os laboratórios *Skylab*.

PULSAR

É uma convocatória aberta destinada a mulheres artistas na área da produção musical eletrónica. Com o propósito de descobrir novos talentos nacionais e combater a disparidade de género na indústria musical, o projeto vencedor de cada edição tem acesso a agenciamento, produção, gravação, comunicação, gestão e um lançamento discográfico pela Cosmic Burger. Com edições em 2019 e 2021, foram já vencedoras da PULSAR o coletivo Trypas Corassão e Sónia Trópicos, respetivamente.

Like everything that emanates from the universe, Cosmic Burger is not defined in a single way. It is a non-profit organisation and a creative agency at the same time. It supports artists in creating better working conditions and opportunities, and opens horizons for emerging creators looking for tools with which to become professionals. It landed in Braga in 2015 with a constellation of talents that expand across areas as diverse as music, urban art and performance. In our journey through the country, we also take the time to dwell on the Portuguese creative ecosystem, getting to know and showcasing emerging projects in each region.



ORBIT

Resultado de uma parceria com o município de Braga e os Humble Bee Studios, o projeto *Orbit* foi dirigido a jovens músicos em situações de fragilidade socio-económica oriundos de quatro bairros da cidade. Ao longo de um ano e meio, o grupo teve acesso a ações de formação e sessões de criação, de forma a desenvolver novas ferramentas e oportunidades que resultassem num primeiro passo para a profissionalização das suas carreiras. O projeto terminou com uma produção discográfica e dois espetáculos ao vivo na FNAC Braga e no Festival Limonada.



© Tiago da Cunha



© Tiago da Cunha

SKYLAB

Pensando na capacitação do setor cultural, mas aberto a toda a comunidade, o ciclo de laboratórios artísticos *SkyLab* decorreu durante um ano no Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, em Braga. Abordando diferentes áreas como a música, a ilustração ou a espacialidade, os laboratórios gratuitos contaram com sessões especiais para crianças e jovens e artistas-formadores como os Casota Collective e Sofia Rocha e Silva.



© Tiago da Cunha



© Joana Jorge

FENDA

Cálculo, Frank Lucas, Isa Leen, St. James Park e Sónia Trópicos fazem parte da carteira de artistas que representa enquanto agência criativa (ver playlist no código QR), mas a Cosmic Burger não se alimenta apenas do real. “Temos agora um projeto novo, estamos a mergulhar um bocadinho na área do *blockchain* e a preparar o lançamento de um artista novo que se chamará OKKE e que será um avatar digital. Obviamente que a música é feita por um humano que prefere manter-se no anonimato.”

Também o *Fenda*, festival de arte urbana, integra a dimensão de agência criativa desta organização. “Temos sempre esta ideia pré-concebida que um festival de arte urbana é um festival de pintura mural e graffiti, mas pode e deve ser muito mais do que isso.” Na edição de 2022, o *Fenda* rasgou a cidade de Braga com pintura mural, é certo, mas também abriu espaço à instalação, trouxe música a locais tão diversos como um salão de cabeleireiro e bares do centro histórico, e recebeu o ciclo de conversas *Femina*, de Vanessa Augusto, na Casa dos Crivos. E para o ano será tudo diferente: “Tentamos sempre mudar o formato do festival. Este ano, decidimos separar o festival em dois momentos: o primeiro em setembro com

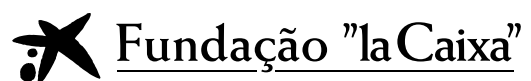
a inauguração das peças de arte pública, e um segundo momento com as conversas e o programa de música em novembro, espalhado por diversos espaços da cidade. Gostamos muito de experimentar com o *Fenda*. A ideia é que o festival seja sempre diferente a cada ano”.

A Odisseia Nacional também passa por Braga, com Teatro Circo e gnration a receberem programação em fevereiro. O que nos leva a perguntar, e teatro? “Curiosamente, estamos a preparar um espetáculo chamado *Treat yourself*, de Susana Brandão e Maria Luís Cardoso, que aborda a questão da saúde mental e que tem estreia prevista para 2023.” Será mais um planeta a gravitar nesta galáxia.

Ouvir playlist
Cosmic Burger



A rubrica Urgentes Emergentes tem o apoio do BPI e da Fundação “la Caixa”,
mecenas do Teatro Nacional D. Maria II



ATOS E FRUTOS — A ODISSEIA NACIONAL COM AS PESSOAS E AS ESCOLAS

Com um programa dedicado à participação e outro direcionado para escolas, a Odisseia Nacional vai levar o teatro e o pensamento não só às salas de espetáculos do país, mas também a muitas casas e escolas. Em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian nos Atos e do Plano Nacional das Artes nos Frutos, estas extensões da programação descentralizada do Teatro Nacional D. Maria II vão promover a participação das populações e da comunidade escolar.

With a programme dedicated to participation and a second one aimed at schools, Odisseia Nacional will take theatre and thought not only to the country's theatres, but also to many Portuguese homes and schools. Atos e Frutos (Acts and Fruits) are the names of the extensions of the decentralised programme of Teatro Nacional D. Maria II dedicated to participation and the school community.

ATOS

4
4

Pela mão deste programa pretende-se apoiar a criação artística local e convocar populações, estruturas artísticas, instituições locais e nacionais, a criarem projetos que partam dos lugares, os ativem e os coloquem em relação entre si e com o pensamento contemporâneo. Dinamizados numa parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian, estes Atos terão sempre momentos de visibilidade pública, em formatos tão distintos como espetáculos, percursos, instalações artísticas, assembleias, residências abertas ou convívios. O Norte será o território de partida para os projetos das páginas seguintes.



Assembleia © Nelson d'Aires

Amarelo Silvestre

ASSEMBLEIA

29 JAN · Lamego

Este será um exercício de escuta e de olhar. Fotografam-se as pessoas e o território de Lamego.

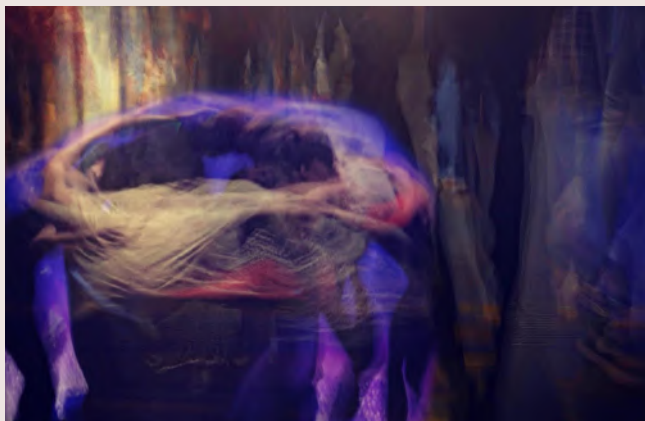
Envolvendo cerca de 30 pessoas do concelho, o processo passa pela *saída de campo* para recolha fotográfica; realização de *Assembleias*, a propósito das fotografias recolhidas; e *tempo de antena de domingo à tarde*, para partilha pública do processo.

ondamarela

VIDA REAL

27-28 JAN · Vila Real

Vida Real é a construção de um objeto artístico com e para os vila-realenses, a partir de uma reflexão conjunta sobre a sua cidade e localidades, cruzando vivências, ânsias e desejos das pessoas de Vila Real, do seu quotidiano, das suas rotinas e das suas memórias.



Pe_Soa: Índice de incógnitas para a escuta de lugares © Susana Alves

Lugar Específico

PE_SOA: ÍNDICE DE INCÓGNITAS PARA A ESCUTA DE LUGARES

11-12 MAR · Carrazeda de Ansiães

Assumindo que todos os lugares ecoam os corpos que os habitam e preenchem, esta criação começa por escutar as invisibilidades em cada uma das comunidades nela envolvidas. O Lugar Específico, com o seu corpo multidisciplinar, será o estímulo para que de cada encontro emergjam o tempo e o espaço necessários para escutar ideias, necessidades e desejos na relação com cada um, com o grupo e com o território de Carrazeda de Ansiães.



Vida Real © Pedro Sardinha



Estórias com Memória © Raul C. Pereira

Limite Zero

ESTÓRIAS COM MEMÓRIA

25-26 FEV · Torre de Moncorvo

A Limite Zero propõe-se trabalhar o Teatro de Formas Animadas com as comunidades envolvidas, tendo como ponto de partida as lendas, os contos, as tradições e memórias locais. Este projeto constitui-se como um espaço de experimentação e de diálogo na criação da história e dos objetos e na construção sonora e musical. A ideia e a dramaturgia desta criação surgirão a partir do imaginário dos participantes.



Observatório dos Rios © João Versos Roldão

Pele

CARTOGRAFIA DOS DESEJOS

11-12 MAR · Paredes de Coura

Vivemos acinzentada/os nos corpos, nos dias e nos desejos. Urge reclamar o direito à liberdade do desejo, de questionar e contrariar modelos padronizados e dominantes de produção de subjetividades, como forma urgente de construção, reconstrução e desconstrução da realidade.

Cartografia dos desejos, título inspirado em Suely Rolnik e Félix Guattari, propõe um espaço e tempo de reflexão e exercício do simbólico com os diferentes grupos de Paredes de Coura.

Guarda Rios

OBSERVATÓRIO DOS RIOS

18-19 MAR · Santa Maria da Feira

Observatório dos Rios consiste num conjunto de cenários, pequenas dramaturgias, jogos e ações desenvolvidas com a comunidade e que convidam a refletir sobre o que é um rio e a importância dos ecossistemas fluviais. Entre o global e o local, o esotérico e o científico, este será um Observatório do rio Cáster cujo manifesto dependerá da participação da comunidade.

→ p. 36-39

Formiga Atómica

TERMINAL (O ESTADO DO MUNDO)

20-25 MAR · Mirandela
27 MAR-1 ABR · Vinhais

O caminho para *Terminal (O Estado do Mundo)* parte de uma profunda pesquisa no território, a partir de Mirandela e Vinhais, ao longo do ano de 2023. Explorando diferentes tipos de formatos — peças de teatro de pequeno porte para espaços públicos, a ocupação de uma emissão radiofónica, um filme documental e ainda um estudo sociológico —, este projeto expõe o que nos une neste frágil momento em que tudo parece estar em jogo.

FRUTOS

Numa parceria com o Plano Nacional das Artes, o programa Frutos parte da realidade, dos conteúdos escolares e das peças da Odisseia Nacional, para promover ações pedagógicas dirigidas a todos os ciclos de ensino, aproximando as gerações mais jovens das artes performativas e fomentando a sua participação cultural e pensamento crítico. A Norte, as crianças e jovens em idade escolar terão acesso às atividades descritas em seguida.

LABORATÓRIO TEATRAL - CONVIDAR, CONHECER E CONSTRUIR

A partir do espetáculo Zoo Story

26-27 JAN · Ponte de Lima

2-3 FEV · Lamego

Públicos-alvo escolas e público em geral

A partir da peça *Zoo Story* e da sua proposta de encenação, Marco Paiva coordena este laboratório de teatro. *Podemos entrar?* é uma ação de sensibilização junto dos mais novos para pensar e agir com a comunidade na construção de um movimento cultural e artístico mais diverso, acessível e feliz. Em *Conversas depois de um espetáculo para preparar o futuro* equipa artística e público planeiam o futuro e constroem juntos um documento comum sobre o que todos nós podemos vir a ser enquanto sociedade.

→ p. 04-09



Convidar, Conhecer e Construir © João Versos Roldão

PRIMEIRO ANDAMENTO

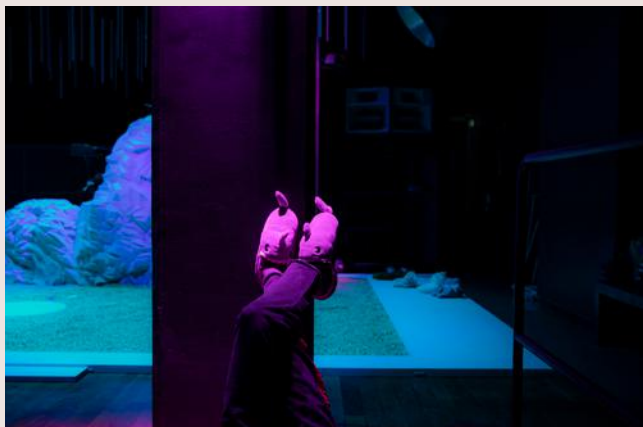
Visitas encenadas com Plataforma285

1-3 FEV · Vila Real

20-22 MAR · Santa Maria da Feira

Públicos-alvo 1.º ciclo

A convite do Teatro Nacional D. Maria II, a Plataforma285 cria um espetáculo em andamento, em formato de visita mais ou menos guiada, dirigida a alunos e professores do 1º ciclo. A viagem é enorme, os teatros esperam-nos! A Odisseia continua e aqui materializa-se num conjunto de percursos onde se tenta conhecer e apresentar estes edifícios, as suas histórias e curiosidades. Esperam-se olhares curiosos e ouvidos atentos. Que a aventura comece!



Primeiro Andamento © Joana Correia

OFICINA DE TEATRO

Parceria Plano Nacional das Artes

FEV-MAR · Braga

FEV-MAR · Bragança

Públicos-alvo 2.º e 3.º ciclos

Como se cria um grupo de teatro escolar? Diversos atores desenvolvem residências artísticas em escolas de todo o país, criando oficinas de teatro que fomentem a criação de grupos de teatro juvenil. Serão desenvolvidas várias atividades de aproximação do ensino às práticas teatrais, em articulação com outras práticas e referências da cultura local. Um artista na escola é um instigador à quebra da rotina, propondo atividades complementares e de proximidade, para a promoção de capacidades de comunicação, espírito de grupo e sensibilidade estética nos alunos e professores.

FALAS ESTRANHÊS?

De Inês Fonseca Santos e Manuela Pedroso

Encenação Catarina Requeijo

14-16 FEV · Fafe

28 FEV, 1-2 MAR · Póvoa de Varzim

7-9 MAR · Monção

Públicos-alvo pré-escolar

Três pessoas encontram-se. Não são do mesmo lugar, nem têm a mesma língua. Podia não ser fácil comunicar, mas há muitas maneiras de nos fazermos entender e de tornarmos o estranho familiar. Há sons, gestos e sentimentos universais capazes de desfazer todos os equívocos e de nos fazer rir com o que soa diferente. O importante é que haja alguém disposto a aprender Estranhês. E, claro, alguém que goste de amendoins...



Falas Estranhês? © Filipe Ferreira

LABORATÓRIO TEATRAL - DESCOBRIR-QUÊ?

A partir do espetáculo descobri-quê?

15, 16 e 18 MAR · Paredes de Coura

30 MAR-1 ABR · Vinhais

Públicos-alvo ensino secundário e público em geral

Descobrir o quê? Descobrir quem? Quem descobriu quem? Quem descobre o quê? Como é possível descobrir e nomear uma coisa que já existia antes e tinha uma identidade própria? Estas serão algumas das perguntas a explorar com os participantes nas atividades de formação paralelas ao espetáculo *descobri-quê?*. Através do jogo teatral, explora-se a temática do espetáculo, promovendo o pensamento crítico em torno de um passado de invasão e saque e desmontando algumas ideias feitas sobre os “descobrimientos”.

→ p. 20-21



descobri-quê? © Eddie Oleque Fernandez

TEATROS QUE NOS FAZEM VIAJAR NO TEMPO

THEATRES THAT TAKE US BACK IN TIME

São edifícios históricos. O mais novo do grupo tem 99 anos. Há muitas histórias para contar. Através deles, conhecemos a história do Teatro e das cidades. Mas não é por isso que vivem no passado, pelo contrário, os espetáculos que apresentam dão-nos presente e futuro. Têm equipamentos modernos ao mesmo tempo que são donos de uma arquitetura clássica, de séculos passados. Que se abram as portas e que a viagem no tempo comece!

These are historic buildings. The youngest of the group is 99 years old. There are many stories to tell. Through them, we get to know the history of theatre itself and that of cities. But that's not why they live in the past — on the contrary, the shows they present offer us the present and the future. They are endowed with modern equipment and at the same time boast classic architecture from centuries past. Welcome to the theatres that take us back in time.



© Daniel Moreira

TEATRO DIOGO BERNARDES, PONTE DE LIMA

Projetado a partir dos cânones arquitetônicos do teatro à italiana, o Teatro Diogo Bernardes abriu portas a 19 de setembro de 1896. O poeta que lhe dá nome foi profundamente inspirado pela beleza das margens do Rio Lima, ou não fosse Diogo Bernardes apelidado de poeta do Lima. Encerrado nos anos 1980, o teatro reabriu em 1999, depois de ter sido reabilitado. O edifício, localizado em pleno centro histórico, manteve a traça original oitocentista. Os portões laterais da fachada principal exibem interessantes composições em ferro forjado. No seu interior, somos atraídos pela riqueza de diferentes elementos, com destaque para a decoração dos camarotes, que respeitou a ornamentação original, num trabalho cuidado de marcenaria com aplicações em folha de ouro.

O teatro dispõe de 305 lugares e os seus 126 anos fazem dele um dos teatros mais antigos do Alto Minho.

TEATRO DIOGO BERNARDES, PONTE DE LIMA

Designed according to the architectural canons of the Italian-style theatre, Teatro Diogo Bernardes opened its doors on 19 September 1896. The poet after it was named was deeply inspired by the beauty of the banks of the River Lima — Diogo Bernardes was known as the poet of the Lima. Closed in the 1980s, the theatre reopened in 1999 after being renovated. The building, located in the heart of the historic centre, has kept its original 19th century features. The side gates of the main façade display interesting wrought iron compositions. Inside, we are drawn to the abundance of different elements, especially the decoration of the boxes, which kept the original ornamentation, in a careful carpentry work with appliques made of gold leaf.

The theatre offers 305 seats, and its 126 years make it one of the oldest theatres of Alto Minho.



© Lais Pereira

THEATRO CIRCO, BRAGA

Inaugurado a 21 de abril de 1915, o Teatro Circo nasceu para acolher uma grande diversidade de espetáculos de teatro, ópera, música, cinema e, frequentemente, circo. O nome evoca a construção original do edifício que pretendia servir todas as artes, num espaço convertível entre o teatro à italiana e o chamado “circo de cavalinhos”.

Entre 1999 e 2006, o edifício foi restaurado, respeitando a arquitetura existente. Por todo o teatro encontramos elementos decorativos, como as dramáticas máscaras douradas, que entre candeeiros e espelhos grandiosos, realçam a aura dramática do edifício. A sala principal, com lotação de 897 lugares, exhibe elementos verdadeiramente imponentes, como é o caso do lustre com mais de 500 kg e 5 metros de altura e a tela da boca de cena, com 12 metros de largura por 8 metros de altura, da autoria de Domingos Costa, que retrata músicos e elementos de drama e comédia.

De destacar, no Salão Nobre, o requinte dos seus elementos decorativos, como os frescos, os gessos e marmoreados e a icónica conversadeira.

THEATRO CIRCO, BRAGA

First opened on 21 April 1915, Teatro Circo was built to accommodate a wide variety of theatre, opera, music, cinema and often circus performances. Its designation evokes the fact that the building's original construction was intended to serve all the arts, in a space that could be converted from an Italian-style theatre to a so-called «horse-riding circus».

Between 1999 and 2006, the building was restored, maintaining its original architecture traits. Throughout the theatre we find decorative elements, like the dramatic golden masks, which among lamps and grandiose mirrors, enhance the dramatic aura of the building. The main room, which seats 897 people, displays truly imposing elements, such as the chandelier which weighs more than 500 kilograms and is 5 metres high, and the mouth of the proscenium arched screen, which is 12 metres wide by 8 metres high, designed by Domingos Costa, portraying musicians and elements of both drama and comedy.

In the Main Hall, it is worth highlighting the refinement of its decorative elements, such as the frescos, the plasterwork and marble stone elements, and the iconic lovers' seat.

TEATRO-CINEMA, FAFE

No dia 10 de janeiro de 1924, a cidade de Fafe inaugurava o Teatro-Cinema. Os jornais da época davam conta da qualidade dos equipamentos e destacavam o interior, “soberbo e deslumbrante”, tendo sido considerado um dos melhores teatros do norte do país.

A admirável fachada está pintada em tons rosa e decorada com figuras angelicais, medalhões gregos e cupidos alados, que simbolizam o amor às artes. O teatro esteve encerrado entre 1981 e 2009, ano em que reabriu restaurado e requalificado, com um novo edifício de apoio para atividades de música e cinema.

A arquitetura interior assume a forma de ferradura, com uma lotação de 300 lugares distribuídos pela plateia e camarotes. O soberbo teto abobadado permite vislumbrar motivos pictóricos alusivos a músicos notáveis como Chopin, Rossini, Haydn e Mozart, além da figuração do firmamento.

O Teatro-Cinema é considerado um dos principais motivos de interesse arquitetónico da cidade de Fafe.

TEATRO-CINEMA, FAFE

On 10 January 1924, the city of Fafe inaugurated the Teatro-Cinema. The newspapers of the period reported on the quality of the equipment and highlighted its interior, «superb and dazzling», having been considered one of the best theatres in the north of the country.

The remarkable façade is painted in pink shades and decorated with angelic figures, Greek medallions and winged cupids, symbolising love for the arts. The theatre was closed between 1981 and 2009, and reopened after being restored and refurbished, with a new support building for music and cinema activities. The interior architecture takes the shape of a horseshoe, with a capacity of 300 seats distributed between the audience and boxes. The superb vaulted ceiling allows a glimpse of pictorial motifs alluding to notable musicians such as Chopin, Rossini, Haydn and Mozart, as well as the figuration of the firmament.

The Teatro-Cinema is considered one of the main motifs of architectural interest in the city of Fafe.



TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO, PORTO

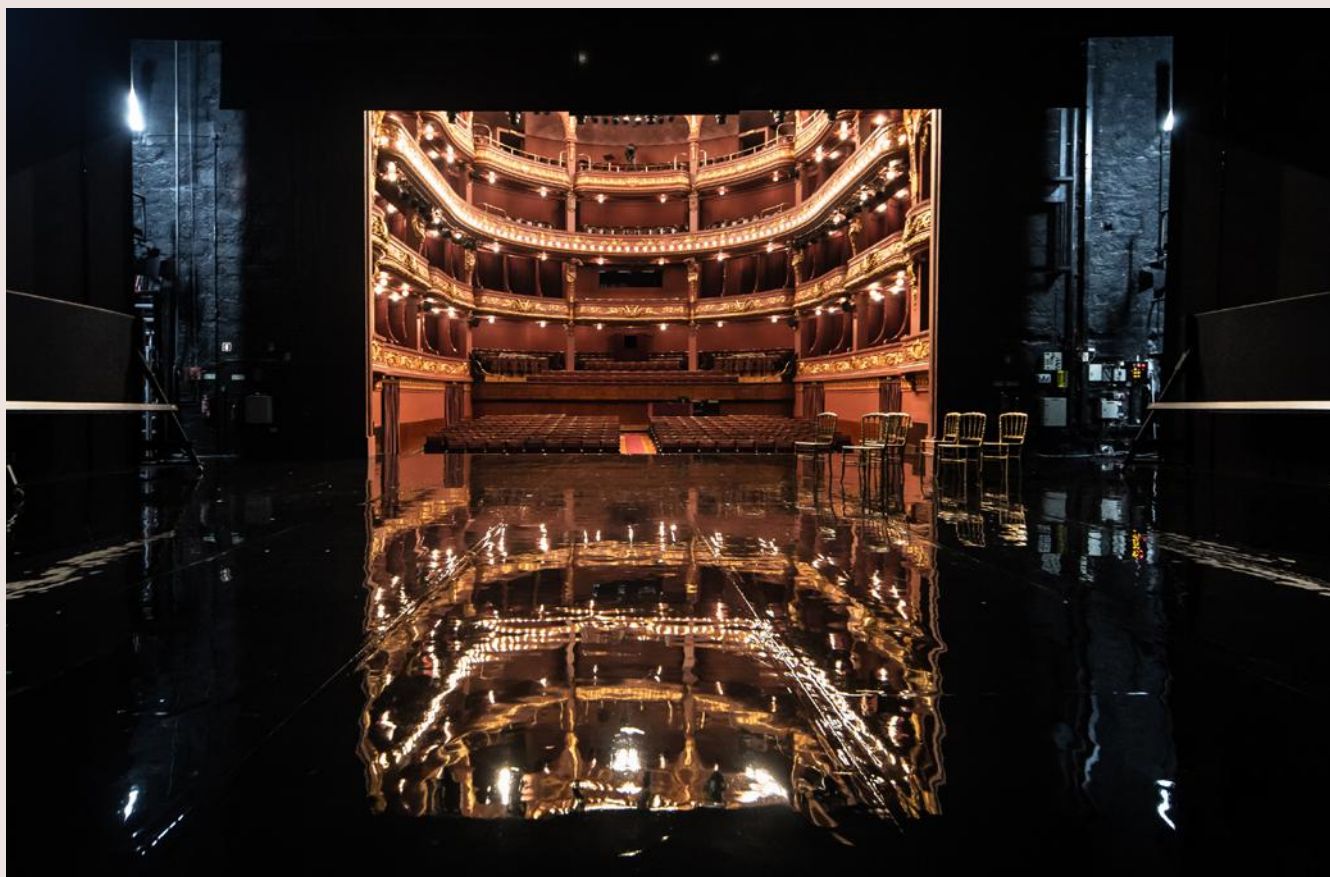
Chamava-se Real Teatro de São João e foi, em 1798, o primeiro edifício a ser construído na cidade do Porto com o propósito exclusivo de apresentar espetáculos. Foi destruído por um incêndio em 1908, dando lugar ao aparecimento de um teatro totalmente novo. Assim nascia o Teatro Nacional São João, a 7 de março de 1920. Depois de uma fase de degradação, foi restaurado em 1995, readquirindo a sua nobreza arquitetónica.

O novo edifício concilia a identidade do original com alguns traços dos padrões franceses e italianos. No cimo da fachada principal podemos observar a beleza das quatro figuras alegóricas: Bondade, Dor, Amor e Ódio. O restante exterior é marcado por diversos elementos escultóricos e decorativos, como carrancas, instrumentos musicais, bobos e outras figuras míticas. O interior apresenta uma riquíssima decoração, em que o mármore das colunas e pavimentos, as talhas douradas e os lustres espalhados pelo edifício constroem um ambiente majestoso. O belíssimo teto da sala principal foi pintado por José de Brito e Acácio Lino.

TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO, PORTO

Its name was once Real Teatro de São João. In 1798 it was the first building to be erected in the city of Porto for the exclusive purpose of presenting shows. Destroyed in 1908 due to a fire, it made way for the appearance of a completely new theatre — Teatro Nacional São João was born on 7 March 1920. Following a period of degradation, it was restored in 1995, regaining its architectural nobility.

The new building conciliates the identity of the original building with some features of the French and Italian standards. At the top of the main façade one may enjoy the beauty of the four allegorical figures: Kindness, Pain, Love and Hate. The remaining exterior is marked by various sculptural and decorative elements, such as masks, musical instruments, jesters, and other mythical figures. The interior is lavishly decorated, its marble columns and floors, the gilded carvings and the chandeliers throughout the building creating a majestic atmosphere. The magnificent ceiling of the main hall was painted by José de Brito and Acácio Lino.





TEATRO RIBEIRO CONCEIÇÃO, LAMEGO

O edifício do Teatro Ribeiro Conceição já passou por várias vidas. Nasceu em 1727 como Hospital da Misericórdia de Lamego. Em 1892 foi Quartel do Regimento, até que um incêndio destruiu o seu interior. Em 1924, o benemérito local, Comendador José Ribeiro Conceição, compra a propriedade e transforma-a numa prestigiada sala de espetáculos, inaugurada a 2 de fevereiro de 1929. Fechada em 1987 devido ao estado de degradação, reabre a 23 de fevereiro de 2008, após recuperação e modernização das instalações.

O teatro manteve a fachada setecentista que, embora não identifique a função de espetáculo do edifício, torna-o mais eclético e singular. A sala principal, com planta em ferradura, encontra-se coberta por uma sumptuosa cúpula, na qual está suspenso um lustre exuberante. Os 417 lugares distribuem-se por plateia, frisa e duas ordens de camarotes ornamentados com delicados elementos em talha dourada, numa sala que ostenta uma surpreendente beleza.

TEATRO RIBEIRO CONCEIÇÃO, LAMEGO

The building of Teatro Ribeiro Conceição has already lived many lives. It was born in 1727 as the Misericórdia Hospital of Lamego. In 1892 it served as the Regiment's Headquarters, until a fire destroyed its interior. In 1924, the local benefactor, Commander José Ribeiro Conceição, bought the property and transformed it into a prestigious concert hall, inaugurated on 2 February 1929. Closed in 1987 due to its state of degradation, it reopened on 23 February 2008, after restoration and modernisation of the installations.

The theatre has kept its 18th century façade, which, despite not identifying the performance function of the building, makes it more eclectic and singular. The main hall, with a horseshoe shape, is covered by a sumptuous dome, from which an exuberant chandelier hangs. The 417 seats are distributed between the audience, the frieze and two rows of boxes adorned with delicate elements of gilded woodcarving, in a room that displays remarkable beauty.

CINCO LUGARES A NÃO PERDER NO NORTE

À boleia da Odisseia Nacional, fomos passear pelo Norte e descobrir cinco lugares a não perder em alguns dos territórios por onde passa a nossa programação. Felgueiras, Monção, Paredes de Coura, Bragança, Vinhais, Torre de Moncorvo, Carrazeda de Ansiães e Mirandela são os locais escolhidos para explorar além do teatro. Boa viagem!



FIVE MUST-SEE DESTINATIONS IN THE NORTH

5
5

On the heels of Odisseia Nacional, we have wandered around the North and discovered five must-visit spots in some of the areas our programme travels through. Felgueiras, Monção, Paredes de Coura, Bragança, Vinhais, Torre de Moncorvo, Carrazeda de Ansiães and Mirandela are the places we have chosen to explore in addition to the theatre. Enjoy your trip!



FORA DE PALCO



CEIA - Centro de Educação e Interpretação Ambiental da Paisagem Protegida do Corno de Bico © Direitos Reservados

DO CORNO DE BICO AO RIO MINHO

Paredes de Coura e Monção

É no meio da natureza, por entre carvalhos, penedos e, no tempo certo, cogumelos de várias espécies, que encontramos na Paisagem Protegida do Corno de Bico, em Paredes de Coura, duas obras arquitetónicas de diferentes correntes que ali convivem em plena harmonia. A antiga colónia agrícola de Vascões, projeto do Estado Novo e exemplar do modernismo português, juntou-se em 2007 o CEIA - Centro de Educação e Interpretação Ambiental da Paisagem Protegida do Corno de Bico, dos arquitetos Filipa Guerreiro e Tiago Correia. O entorno natural deste complexo convida a manhãs de caminhadas com direito a farnel na montanha.

Também à procura de construções na natureza, seguimos depois para Monção, mais concretamente para as margens do rio, onde encontramos as pesqueiras do Rio Minho, construções populares que consistem em habilidosos sistemas de muros em pedra edificadas por pescadores, usados ainda hoje na captura do peixe através de engenhosas armadilhas como o botirão e a cabaceira. As primeiras referências escritas às pesqueiras do Rio Minho datam do século XI e estima-se que existam hoje 656 pesqueiras na margem portuguesa, das quais 161 estão licenciadas para a pesca.



Colónia Agrícola de Vascões © Direitos Reservados

FROM CORNO DE BICO TO THE RIVER MINHO

Paredes de Coura and Monção

Amidst nature, among oak trees, crags and, when the time is right, mushrooms of various species, in the Protected Landscape of Corno de Bico, Paredes de Coura, we can find two architectural buildings of different styles that coexist in full harmony. The ancient agricultural settlement of Vascões, a project carried out under the Estado Novo regime and an example of Portuguese modernism, was joined in 2007 by the CEIA — Centro de Educação e Interpretação Ambiental (Centre for Environmental Education and Interpretation) of Corno de Bico Protected Landscape —, designed by architects Filipa Guerreiro and Tiago Correia. The natural surroundings of this compound are ideal for morning walks and a picnic lunch on the mountain.

Still looking for constructions in nature, we then head for Monção, more precisely to the banks of the river, where we find the «pesqueiras» of the River Minho, traditional constructions that consist of skilful stone wall systems built by fishermen, still used today to catch fish using ingenious traps such as the «botirão» and the «cabaceira». The earliest written references to the «pesqueiras» of the River Minho date back to the 11th century, and it is estimated that there are 656 «pesqueiras» on the Portuguese bank today, of which 161 hold a licence to fish.



Pesqueiras do Rio Minho © Direitos Reservados



Praia Fluvial da Maravilha © Direitos Reservados



Linha do Tua © Direitos Reservados

PELO PARQUE NATURAL REGIONAL DO VALE DO TUA

Carrazeda de Ansiães e Mirandela

Localizado na antiga estação de comboios do Tua e com um núcleo museológico dividido em três eixos – o vale, a linha e a barragem – o Centro Interpretativo do Vale do Tua, em Carrazeda de Ansiães, é uma das portas de entrada do Parque Natural Regional do Vale do Tua, que alberga cinco municípios: Alijó, Carrazeda de Ansiães, Mirandela, Murça e Vila Flor. Entre percursos pedestres, miradouros, praias fluviais e até locais privilegiados para observação de astros, há muito mais para explorar num território que é sobretudo conhecido pelo vinho e pela boa comida.

Em Mirandela, encontramos uma praia que é uma maravilha: a Praia Fluvial da Maravilha, de águas calmas e com uma temperatura a rondar os 24°, é o local onde se encontram os 3 Rios, o Rabaçal e o Tuela, que ali dão origem ao Rio Tua. Nesta zona de lazer localiza-se também a Piscina da Maravilha e o Parque de Campismo e Caravanismo de Mirandela.

THROUGH TUA VALLEY REGIONAL NATURE PARK

Carrazeda de Ansiães and Mirandela

Located in the old Tua train station and featuring a museum centre divided into three areas — the valley, the railway and the dam —, the Interpretation Centre of the Tua Valley, in Carrazeda de Ansiães, is one of the gateways to the Tua Valley Regional Nature Park, which includes five municipalities: Alijó, Carrazeda de Ansiães, Mirandela, Murça, and Vila Flor. Between hiking trails, belvederes, river beaches and even great places for observing the stars, there's much more to explore in a territory that is mostly known for its wine and fine food.

In Mirandela there is a marvelous beach: the river beach of Maravilha (Marvel), with calm waters and a temperature of about 24 degrees Celsius, is the place where three rivers meet, the Rabaçal and the Tuela, which form the Tua river. The Maravilha swimming pool and the Mirandela camping and caravan park are also located in this leisure area.



Torre de Moncorvo © Direitos Reservados

VIAGEM À IDADE MÉDIA

Torre de Moncorvo

Quando percorremos as ruas do centro histórico da vila de Torre de Moncorvo, é como se viajássemos no tempo com a Idade Média como destino. Outrora um centro de grande importância política e económica na região transmontana, ainda hoje se podem ver as ruínas da cerca medieval de D. Dinis, com as reformulações de D. Fernando e da dinastia de Avis. Mas é a imponência da Igreja Matriz que marca a paisagem urbana, rodeada pelos arruamentos medievais e renascentistas onde ainda se descobrem a cada esquina antigos solares, fontes, casas tradicionais e capelas. Uma dica para adoçar o passeio: leve consigo um saquinho de Amêndoa Doce de Moncorvo, que encontra em muitas das lojas do centro.

JOURNEY TO THE MIDDLE AGES

Torre de Moncorvo

When we walk through the streets of the historical centre of Torre de Moncorvo, it is as if we were travelling back in time with the Middle Age as our destination. Once a centre of great political and economic importance in the Trás-os-Montes region, even today we can still see the ruins of King D. Dinis's medieval fence with the reformulations of King D. Fernando and the Avis dynasty. But it is the grandeur of the Mother Church which shapes the urban landscape, surrounded by medieval and Renaissance streets, where ancient manor houses, fountains, traditional houses and chapels can still be found at every corner. Here's a tip to sweeten your trip: get a bag of Moncorvo roasted sweet almonds, which you can find in many of the local shops.



Basilica Menor de Nossa Senhora da Assunção de Torre de Moncorvo © Direitos Reservados



Carnaval dos Caretos © Direitos Reservados



Mil Diabos à Solta © Direitos Reservados

ENTRUDO CHOCALHEIRO NA TERRA FRIA TRANSMONTANA

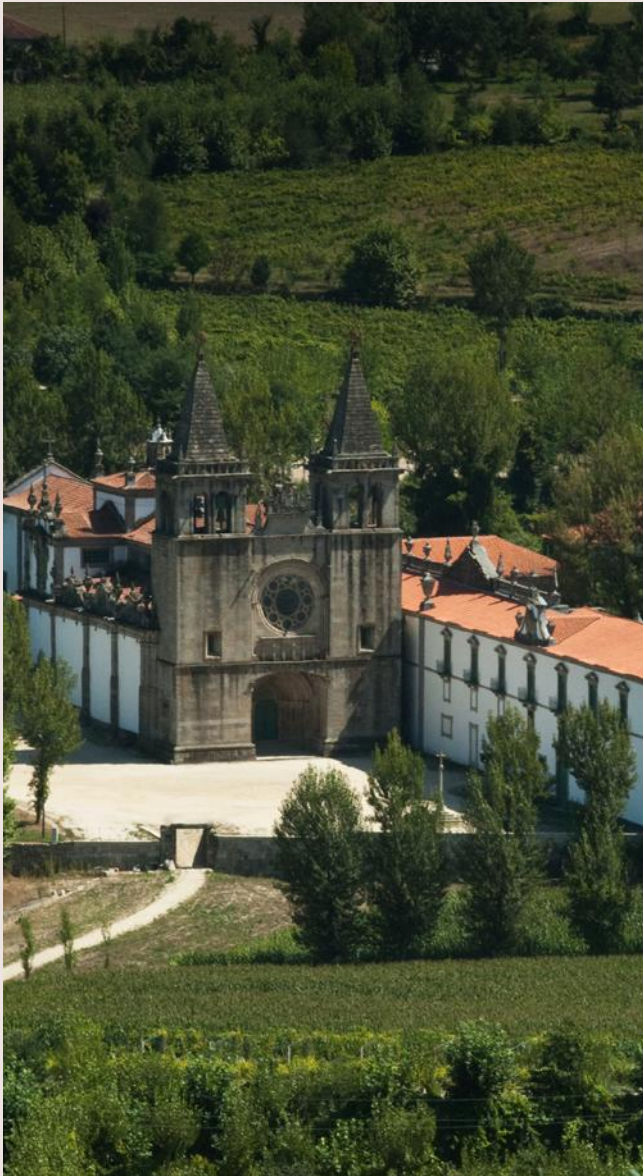
Bragança e Vinhais

O Entrudo Chocalheiro é o auge das manifestações de irreverência que, nesta época, não só são permitidas, como atraem imensos curiosos à Terra Fria Transmontana. Em algumas zonas da região, é neste dia que saem à rua as guras mascaradas da Morte, do Diabo e a da Censura, cometendo as mais diversas tropelias. Um pouco por todo o território, este é um tempo de festa anunciado pelo som das gaitas-de-foles das rondas, é o tempo dos cortejos, das loas, das refeições comunitárias e dos peditórios. Em Bragança, durante o *Carnaval dos Caretos*, desfilam pelas ruas da cidade diferentes grupos de caretos vindos de Portugal e Espanha e, em Vinhais, há *Mil Diabos à Solta*, um ritual que marca o fim das Festas de Inverno do Nordeste Transmontano.

ENTRUDO CHOCALHEIRO IN THE TRÁS-OS-MONTES COLD LAND

Bragança and Vinhais

The Entrudo Chocalheiro is the peak of irreverence demonstrations which, at this time, are not only allowed but also attract a lot of curious people to the Trás-os-Montes Cold Land. In some parts of the region, it is on this day that masked figures of Death, the Devil and the Censor take to the streets, performing the most diverse pranks. All over the territory, this is a time of celebration announced by the sound of the Carnival bagpipes. It is the time of parades, the praises, community meals and charity donations. In Bragança, during the *Carnival of the Caretos*, different groups of «caretos» from Portugal and Spain parade through the streets of the city, and in Vinhais they have *Mil Diabos à Solta* (A Thousand Devils on the Loose), a ritual that ends the Winter Festivities of the North-eastern region of Trás-os-Montes.



Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro © Direção Regional de Cultura do Norte

NA ROTA DO ROMÂNICO

Felgueiras

Felgueiras integra a Rota do Românico por ter dentro do seu concelho alguns dos mais belos exemplares da Arte Românica Nacional. Durante os séculos XI e XII, foram aqui edificados templos onde se encontram as características habituais desta corrente arquitetónica: a presença imponente do granito, as paredes completas com pequenas aberturas apenas, as entradas principais e laterais bem ornamentadas que prendem o olhar nos detalhes da pedra trabalhada.

O Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro é um dos seus mais famosos representantes, mas há mais: a Igreja de São Mamede de Vila Verde, a Igreja de São Vicente de Sousa, a Igreja do Salvador do Unhão e a Igreja de Santa Maria de Airões são outros locais de Felgueiras incluídos na Rota do Românico.

ON THE ROMANESQUE ROUTE

Felgueiras

Felgueiras is part of the Romanesque Route for containing within its municipality some of the most beautiful examples of National Romanesque Art. During the 11th and 12th centuries, some temples were built here bearing the typical traits of this architectural current: the imposing presence of granite, the complete walls with only small openings, the well ornamented main and side entrances that catch the eye in the details of the worked stone.

The Monastery of Santa Maria de Pombeiro is one of its most famous examples, but there are more: the Church of São Mamede de Vila Verde, the Church of São Vicente de Sousa, the Church of Salvador do Unhão and the Church of Santa Maria de Airões are other places in Felgueiras included in the Romanesque Route.

A EQUIPA DO D. MARIA II

6
1

Direção Artística

Pedro Penim

Conselho de Administração

Rui Catarino, Sofia Campos, Sónia Teixeira

Fiscal Único

Amável Calhau & Associados, SROC, Lda.

Adjunto Direção Artística

Luís Sousa Ferreira

Assessoria Direção Artística

Sandra Azevedo

Secretariado

Marina Almeida Ricardo

Elenco Residente

João Grosso, José Neves, Manuel Coelho

Direção de Produção

Carla Ruiz

Produção Executiva

Pedro Pires (coord.), Bruna Antonelli, Eva Nunes, João Lemos, Paula Fernandes, Pedro Pestana, Rita Forjaz

Direção de Cena

André Pato

Diretoras/es de Cena

Andreia Mayer, Carlos Freitas, Catarina Mendes, Isabel Inácio, Pedro Leite, Sara Cipriano

Guarda-roupa

Aldina Jesus (coord.), Alejandra Pliego, Ana Martins, João Pinto, Sílvia Galinha

Auxiliares de Camarim

Carla Torres, Paula Miranda

Adereços Nuno Costa

Assistente Direções de Cena e Técnica

Sara Villas

Direção Técnica

Rui Simão

Coordenação Técnica

Daniel Varela
Maquinaria e Mecânica de Cena

Frederico Godinho (coord.),

Jorge Aguiar, Lindomar

Costa, Marco Ribeiro,

Miguel Carreto, Paulo Brito,

Reginaldo Silva

Iluminação

Feliciano Branco (coord.),

Filipe Quaresma, Gonçalo

Morais, Luís Lopes, Pedro

Alves, Rita Sousa

Som/Audiovisual

João Pratas (coord.),

André Dinis Carrilho, João

Francisco Silva, João

Neves, Margarida Pinto, Rui

Dâmaso

Motorista

Carlos Luís

Direção de Comunicação e Marketing

João Pedro Amaral

Assessoria de Imprensa

Élia Teixeira

Digital

Joana Bonifácio, Mariana Santos

Edição de Conteúdos

Diogo Seno

Produção de Comunicação

Catarina Freire

Secretariado

Paula Martins

Direção Administrativa e Financeira

Luís Cá

Controlo de Gestão

Diogo Pinto

Contabilidade

Susana Cerqueira (coord.),

Carolina Lemos,

Sophie Tomás,

Compras

Eulália Ribeiro

Contratação Pública

Rute Presado (coord.)

Tesouraria

Sofia Ventura

Recursos Humanos

Lélia Calado, Madalena

Domingues

Direção de Manutenção

Susana Dias

Coordenação de Manutenção

Albertina Patrício

Manutenção Geral

Raul Rebelo (coord.),

Carlos Henriques, Eduardo

Chumbinho, Tiago Trindade

Sistemas de Informação

Carlos Dias (coord.), Nuno

Viana

Limpeza

Ana Paula Costa, Luzia

Mesquita

Direção de Relações Externas e Frente de Casa

Ana Ascensão

Parcerias, Desenvolvimento e Fundraising

Ana Pinto Gonçalves

Mediação e Projetos de Continuidade

Carolina Villaverde Rosado,

Joana Grande, Léa Prisca

López, Madalena Flores,

Maria João Santos, Mariana

Gomes

Avaliação

e Monitorização

Patrícia Silva Santos

Bilheteira

Rui Jorge (coord.),

Carla Cerejo,

Sandra Madeira

Receção

Paula Leal

Direção de Documentação e Património

Cristina Faria

Produção Executiva

Patrícia Romão

Acervo

Rita Carpinha

Biblioteca | Arquivo

Catarina Pereira, Ricardo

Cabaça, Vera Azevedo

Livraria

Maria Sousa

Revista Ítaca

Proprietário

Teatro Nacional D. Maria II

Coordenação Editorial

Carolina Lapa

Cláudia Lomba

Conteúdos

Carolina Lapa

Cláudia Lomba

Filipe Ferreira

Lais Pereira

Mafalda Fernandes

Miguel Fernandes

Tradução

Sara Veiga

Tiragem

19.000 exemplares

JANEIRO

12–21 JAN	ESPETÁCULOS	Casa Portuguesa	PORTO
26 JAN	FORMAÇÃO	Territórios Poéticos – Oficina para desarrumar ideias	PONTE DE LIMA
26–27 JAN	ESCOLAS	Laboratório Teatral – Convidar, Conhecer e Construir	PONTE DE LIMA
27 JAN	ESPETÁCULOS	Zoo Story	PONTE DE LIMA
27–28 JAN	PARTICIPAÇÃO	Vida Real	VILA REAL
29 JAN	PARTICIPAÇÃO	Assembleia	LAMEGO

FEVEREIRO

1–3 FEV	ESCOLAS	Visita Encenada – Primeiro Andamento	VILA REAL
02 FEV	FORMAÇÃO	Territórios Poéticos – Oficina para desarrumar ideias	LAMEGO
2–3 FEV	ESCOLAS	Laboratório Teatral – Convidar, Conhecer e Construir	LAMEGO
03 FEV	ESPETÁCULOS	Zoo Story	LAMEGO
04 FEV	ESPETÁCULOS	Casa Portuguesa	VILA REAL
11 FEV	ESPETÁCULOS	Casa Portuguesa	BRAGA
11 FEV	ESCOLAS	Oficina para educadores de infância	FAFE
14–16 FEV	ESCOLAS	Falas Estranhês?	FAFE
17 FEV	ESPETÁCULOS	Lear	FAFE
25–26 FEV	PARTICIPAÇÃO	Estórias com memória	TORRE DE MONCORVO
28 FEV, 1–2 MAR	ESCOLAS	Falas Estranhês?	PÓVOA DE VARZIM

MARÇO

01 MAR	ESPETÁCULOS	Clube dos Poetas Vivos	PÓVOA DE VARZIM
1-2 MAR	ESCOLAS	Oficina para educadores de infância	PÓVOA DE VARZIM
02 MAR	ESPETÁCULOS	Lear	PÓVOA DE VARZIM
3-4 MAR	ESPETÁCULOS	Nau Nau Maria	TORRE DE MONCORVO
04 MAR	ESCOLAS	Oficina para educadores de infância	MONÇÃO
7-9 MAR	ESCOLAS	Falas Estranhês?	MONÇÃO
10 MAR	ESPETÁCULOS	Lear	MONÇÃO
11 MAR	ESPETÁCULOS	O Misanthropo — por Hugo van der Ding e Martim Sousa Tavares a partir Molière	BRAGANÇA
11-12 MAR	PARTICIPAÇÃO	Pe_soa: Índice de incógnitas para a escuta de lugares	CARRAZEDA DE ANSIÃES
11-12 MAR	PARTICIPAÇÃO	Cartografia dos Desejos	PAREDES DE COURA
15-16 MAR, 18 MAR	ESCOLAS	Laboratório teatral – descobri-quê?	PAREDES DE COURA
17-18 MAR	ESPETÁCULOS	Nau Nau Maria	CARRAZEDA DE ANSIÃES
17-18 MAR	ESPETÁCULOS	descobri-quê?	PAREDES DE COURA
18 MAR	ESPETÁCULOS	Viagem por mim Terra	PAREDES DE COURA
18-19 MAR	PARTICIPAÇÃO	Observatório dos Rios	SANTA MARIA DA FEIRA
20-22 MAR	ESCOLAS	Visita Encenada – Primeiro Andamento	SANTA MARIA DA FEIRA
20-25 MAR	PARTICIPAÇÃO	Terminal (O Estado do Mundo)	MIRANDELA
24-25 MAR	ESPETÁCULOS	Nau Nau Maria	MIRANDELA
25 MAR	ESPETÁCULOS	O Misanthropo — por Hugo van der Ding e Martim Sousa Tavares a partir Molière	SANTA MARIA DA FEIRA
27 MAR -1 ABR	PARTICIPAÇÃO	Terminal (O Estado do Mundo)	VINHAIS
30 MAR -1 ABR	ESCOLAS	Laboratório teatral – descobri-quê?	VINHAIS
30-31 MAR	PENSAMENTO	Cenários Passados	GUIMARÃES
31 MAR	ESPETÁCULOS	Hopeless.	GUIMARÃES
31 MAR -1 ABR	ESPETÁCULOS	descobri-quê?	VINHAIS
01 ABR	ESPETÁCULOS	Viagem por mim Terra	GUIMARÃES

6

3



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA

PARCEIROS D. MARIA II

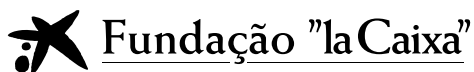
PARCEIRO PRINCIPAL

O Grupo Ageas Portugal é o parceiro principal do Teatro Nacional D. Maria II desde 2019. Através do seu apoio à Rede Eunice Ageas e ao Prémio Revelação Ageas Teatro Nacional D. Maria II, contribui para o acesso ao teatro ao nível nacional e para o reconhecimento de novos talentos no âmbito teatral.

grupo
ageas®
portugal

MECENAS

O Banco BPI e a Fundação "la Caixa" são mecenas dos projetos PANOS e Próxima Cena. Este apoio fortalece o trabalho desenvolvido pelo Teatro Nacional D. Maria II nos âmbitos educativo e do desenvolvimento de públicos.



PARCEIRO DE INOVAÇÃO

A NTT DATA Portugal associa-se ao Teatro Nacional D. Maria II para promover a inovação cultural e no projeto Antecipar o Futuro.

NTT DATA

ODISSEIA NACIONAL

Com o Alto Patrocínio
de Sua Excelência



O Presidente da República

ATOS



FRUTOS



CENÁRIOS

Portugal
**INOVAÇÃO
SOCIAL**



NEXOS



APOIO INSTITUCIONAL



PROGRAMA VALORIZAR

Linha de Apoio ao Turismo Acessível



REDES DE ARTES PERFORMATIVAS



